

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

As ideias governam o mundo

A compaixão como um modo de vida universal

O clima do pensamento – a galeria de imagens cósmicas e individuais

Astrologia: os principais atores cósmicos

As origens das religiões e os conflitos religiosos

Do humano ao deus



Ilustração da capa:
Bodhisattva Guanyin,
expressão de compaixão.

**Interessado em nossas
palestras?**

assista-as em nosso
canal no YouTube:

[youtube.com/
@theosophicalsociety-tspl](https://www.youtube.com/@theosophicalsociety-tspl)

As três proposições fundamentais da Teosofia

Por mais abrangentes que sejam os ensinamentos teosóficos, eles se baseiam em três proposições fundamentais. Para uma compreensão adequada da Teosofia, é necessário considerá-las cuidadosamente.

A primeira proposição fundamental: Ilimitabilidade

*Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, pois transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou similitude humana. (...) Uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado.**

E, embora desconhecida, essa realidade absoluta é a base de toda a vida.

A segunda proposição fundamental: Ciclicidade

*A Eternidade do Universo in toto em sua totalidade como um plano sem limites; periodicamente 'o cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente', chamados de 'as estrelas que se manifestam' e as 'centelhas da Eternidade'.**

Todos os seres são 'centelhas da eternidade' imperecíveis, passando alternadamente por fases de vida ativa e descanso interior (sono ou morte), em um processo cíclico incessante.

A terceira proposição fundamental: A equivalência essencial de toda vida

*A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última, por sua vez, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da primeira - através do Ciclo de Encarnação (ou 'Necessidade') de acordo com a lei cíclica e kármica, durante todo o período.**

A mesma Vida Única flui através dos corações de tudo o que existe. Tudo está vivo. Não há matéria morta. Portanto, tudo é essencialmente igual. Tudo possui latente as mesmas faculdades que o todo maior do qual faz parte (Alma Suprema) e gradualmente desdobra essas faculdades inerentes, reincorporando-se constantemente (segunda proposição). Esse crescimento da consciência sempre ocorre em interação e é ilimitado (primeira proposição).

* Fonte: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume I, p. 43-47 (paginação edição original).

Para mais explicações, consulte nosso website:
blavatskyhouse.org/about-us/what-is-theosophy/

Editorial

página 118

As ideias governam o mundo

página 119

Uma das maiores desvantagens de nosso tempo é a auto-poluição mental, que às vezes se manifesta como ‘profecias autorrealizáveis’. Podemos romper com nossos hábitos de pensamento? E como podemos evitar que só *depois* descubramos, a cada vez, como algum problema poderia ter sido resolvido?

Herman C. Vermeulen



A compaixão como um modo de vida universal

página 123

Esta palestra oferece uma visão muito atraente sobre o que realmente é a compaixão e o que significa ter compaixão como um modo de vida universal.

Bouke van den Noort

Nova publicação em português

Preceitos de Ouro do Esoterismo
de Gottfried de Purucker

página 133

O clima do pensamento

A galeria de imagens cósmicas e individuais

página 134

Muitas pessoas estão preocupadas com o aquecimento global, mas um problema ainda maior é a poluição do nosso clima de pensamento. O que podemos fazer a respeito?

Barend Voorham

Astrologia: os principais atores cósmicos

Parte 2 da série sobre astrologia

página 141

Este é o segundo artigo de uma série sobre os *antecedentes* da astrologia. Neste artigo, apresentamos uma descrição dos atores-chave astrológicos, vistos a partir da ideia básica da Teosofia: Unidade. Isso significa que cada ser é uma expressão, um reflexo de um Princípio Sem Limites da Vida.

Grupo de estudo

Perguntas e respostas *p. 149*

- » As origens das religiões e os conflitos religiosos
- » Do humano a Deus
- » Progresso interior

Relatório do Simpósio *p. 152*

Agenda *p. 152*

- » Previa de temporada de palestras em inglês 2025-2026

Editorial

A maneira como pensamos, nossa mentalidade, determina como interpretamos as situações e reagimos a elas. Durante nossas muitas vidas, agimos e reagimos e aprendemos com essas experiências. É assim que podemos aprimorar nossa mentalidade para nos tornarmos seres totalmente autoconscientes e mestres do pensamento. Para a maioria de nós, entretanto, esse é um processo lento. Mudar hábitos acaba sendo uma coisa difícil de fazer.

Infelizmente, nossa visão limitada da vida e nosso pensamento imperfeito são a causa de muito sofrimento. Será que não há uma maneira de acelerar esse aprimoramento? Acreditamos que sim, usando as percepções da Teosofia.

Essa importante questão é o fio condutor da maioria dos artigos desta edição de *Lúcifer – o Portador da Luz*. Entretanto, não se trata apenas de estudar Teosofia, mas de aplicá-la. Isso implica que devemos nos concentrar menos em nós mesmos e mais nos outros, na humanidade e, de fato, em todos os seres vivos. E isso requer disciplina.

Em *As ideias governam o mundo*, Herman Vermeulen explica como a desinformação ou as visões limitadas dos problemas podem levar a ‘profecias autorrealizáveis’. O artigo oferece uma solução para romper esses preconceitos e atacar as causas dos problemas.

A compaixão como estilo de vida é o tópico do artigo de Bouke van den Noort. O artigo é baseado em uma palestra holandesa da recente série de palestras sobre o papel de H.P. Blavatsky na renovação do pensamento mundial. Nesse artigo, Bouke esboça um quadro que é ao mesmo tempo perspicaz e fácil de entender. O artigo também esclarece os muitos mal-entendidos generalizados que cercam a palavra ‘compaixão’.

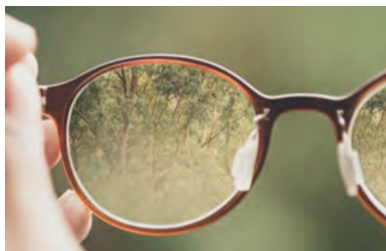
A mentalidade de todas as pessoas juntas determina o clima de pensamento em nosso planeta. Até agora, a maioria das pessoas concentra sua atenção em assuntos externos e terrenos. O que determina o caráter do clima mental em que vivemos atualmente? Em *O clima do pensamento*, Barend Voorham fala sobre o ‘Zeitgeist’, a rede mental na Terra e o papel da Luz Astral na rede mental da Terra.

Neste *Lúcifer*, continuamos nossa série sobre Astrologia. Neste segundo artigo, apresentamos uma descrição dos *atores-chave astrológicos*, vistos a partir da ideia básica da Teosofia: unidade. Vivemos e evoluímos na esfera de influência de um grupo de seres cósmicos. Precisamente nos ‘campos de força’ desses seres, encontramos as possibilidades de encarnar e continuar nossa evolução, de acordo com nosso caráter.

Além disso, respondemos a uma série de perguntas. Nesta edição, abordamos as origens das religiões e os conflitos religiosos, o desenvolvimento de humano para deus e o desenvolvimento de nosso pensamento ao longo do tempo.

Com os artigos desta edição de *Lúcifer – o Portador da Luz*, esperamos inspirá-lo a ativar essa parte de si mesmo, pois ela já está dentro de você. Nosso curso *Sabedoria Universal*, que também está disponível em português, também pode ajudá-lo a iniciar essa mudança de mentalidade.

Os editores



As ideias governam o mundo

Pensamentos-chave

» Nossa mentalidade atual não é muito melhor do que a da antiga Atenas e Roma. Portanto, é hora de começarmos a aprender.

» As civilizações passadas também nos oferecem exemplos inspiradores.

» Uma das maiores desvantagens de nosso tempo é a auto-poluição mental. Às vezes, isso produz o que é conhecido como 'profecias autorrealizáveis'. Nós mesmos teremos de romper esses padrões cíclicos de pensamento.

» Às vezes, na história, há momentos excepcionais, quando surge a oportunidade de realizar mudanças fundamentais.

» É necessária uma abordagem completamente diferente, baseada na liberdade de pensamento e na pesquisa independente.

Nossa mentalidade atual não é muito melhor do que a das antigas Atenas e Roma. Por quê? Uma das principais desvantagens de nosso tempo é a auto-poluição mental, que às vezes se manifesta como 'profecias autorrealizáveis'. Por que um pensamento se torna cada vez mais forte? Podemos romper com nossos hábitos de pensamento? E como podemos evitar que só *depois* descubramos, a cada vez, como algum problema poderia ter sido resolvido?

Não podemos mais desviar o olhar com todas as informações que temos

Quando observamos a mentalidade atual do mundo e, principalmente, como surgem os conflitos e como tentamos resolvê-los, só há uma conclusão possível: precisamos muito de uma abordagem diferente, uma visão diferente: olhar o mundo com uma mentalidade completamente diferente para ver como podemos viver juntos e como podemos trabalhar para reduzir as grandes diferenças nas condições de vida.

Nossa mentalidade atual não é muito melhor do que a dos romanos e das tribos germânicas há alguns milhares de anos. Somos quase uma cópia literal dessa mentalidade. Às vezes, informações de fontes inesperadas chegam às nossas mãos, o que deixa isso muito claro. Um exemplo surpreendente é o romance holandês *Alkibiades*, do escritor e classicista Ilja Leonard Pfeijffer. Esse é um livro abrangente, com 150 páginas só de referências. O livro é o resultado de seu estudo sobre o comportamento social e político dos atenienses, com base em relatos

da época de Platão. O autor demonstra como são notavelmente fortes os paralelos na mentalidade política entre a época de Sócrates e a atual. As semelhanças são impressionantes. A propósito, o autor não menciona a possibilidade de que esse seja um bom exemplo de reencarnação.

Estamos aprendendo devagar?

Podemos ter uma sociedade de alta tecnologia com carros, aviões, computadores, etc., mas a mentalidade mudou pouco ou nada em comparação com o passado. Será que estamos aprendendo devagar ou nem todos aprendem suas lições na mesma velocidade?

O intervalo entre duas encarnações é, como indica H.P. Blavatsky, de aproximadamente dois a três mil anos, *em média, em todo o mundo*. Isso explica, até certo ponto, a falta de progresso que tem sido feito.

A pergunta se justifica: aprendemos alguma coisa ou não, durante esses milhares de anos? Se no momento estamos apenas repetindo o que fizemos em nossas encarnações anteriores, então é hora de começarmos a

aprender agora. Porque ainda vemos que o ‘*eu primeiro*’, imaginando-se separado dos outros, é a característica mental mais dominante, embora, felizmente, haja exceções. Ainda vemos uma mentalidade competitiva desenfreada, alimentada pelo egoísmo. Esse egoísmo pode resultar no prejuízo de dezenas de milhares de vidas humanas; nada parece loucura demais. Os conflitos são abordados com o ditado ‘olho por olho, dente por dente’. Essa é a garantia mais segura de que esses conflitos não podem ser resolvidos ou só podem ser resolvidos com muita dificuldade.

O passado também oferece exemplos inspiradores

Não houve nada no passado com o qual poderíamos ter aprendido lições valiosas? Sim, com certeza, mas essas lições não se fixam muito bem em nós. Para citar apenas um exemplo: o reinado do imperador Ashoka no norte da Índia, de 304 a 232 a.C. Após um reinado muito sangrento de seu pai e um início igualmente sangrento depois de suceder seu pai, ele decidiu, para seu grande crédito, adotar uma abordagem completamente diferente.⁽¹⁾

O ponto forte desse exemplo é o fato de que uma sociedade completamente diferente precisava ser construída, e Ashoka conseguiu fazer isso. Em uma época em que as viagens e a comunicação por longas distâncias eram muito mais difíceis do que são hoje, ele conseguiu estabelecer uma sociedade muito mais social: mais harmoniosa e com maior igualdade para todos.

Também houve culturas que tinham maneiras muito mais eficientes de resolver conflitos do que nós. Mesmo hoje, ousamos chamar essas culturas de ‘primitivas’. Os exemplos incluem os povos indígenas da América do Norte e os povos africanos que viviam de acordo com a filosofia Ubuntu: duas culturas diferentes em dois continentes diferentes, que desenvolveram uma abordagem muito melhor do que a nossa hoje.

Também podemos pensar nas organizações que foram criadas para evitar a repetição da miséria da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, com base no ditado ‘nunca mais’: a Liga das Nações em 1919 e as Nações Unidas em 1945. A Corte Internacional de Justiça e o Tribunal Penal Internacional também são mecanismos para prevenir a violência.

Mas algumas dessas organizações têm uma desvantagem inerente: o poder de veto de alguns dos países participantes. Esse poder de veto tem sido aplicado pelos países mais poderosos. Isso limita muito a capacidade de fazer declarações

justas e sinceras e de chegar a acordos. Isso coloca o bem comum em segundo plano.

Profecias autorrealizáveis

Uma das principais desvantagens de nosso tempo é a auto-poluição mental. Com isso, queremos dizer que nos convencemos de suposições, que acreditamos em coisas que são baseadas em poucos ou nenhum fato. As consequências disso podem, às vezes, ser de longo alcance. Às vezes, isso produz o que é conhecido na linguagem cotidiana como uma *profecia autorrealizável*. Essa é uma previsão que se torna realidade porque as crenças ou expectativas de uma pessoa ou grupo de pessoas influenciam fortemente, se não determinam, suas ações.

Esse fenômeno pode levar a resultados positivos e negativos, dependendo da natureza da expectativa: baseada em confiança ou desconfiança. A questão aqui é que as expectativas das pessoas são atendidas por suas próprias ações.

Um exemplo clássico de uma profecia autorrealizável é uma corrida ao banco. Se for espalhado um boato falso de que um banco está insolvente - incapaz de cobrir seus depósitos de poupança - o pânico se instala. Então, muitos poupadores querem sacar seu dinheiro de uma só vez, antes que o banco fique sem dinheiro. Como o banco não consegue cumprir o prometido, ele de fato se torna insolvente. Assim, uma crença originalmente falsa leva à sua própria realização, mesmo que o banco não estivesse em uma situação financeira ruim.

O fato de um boato poder ter esse efeito foi comprovado com frequência. O processo de ‘profecias autorrealizáveis’ é importante para compreender melhor as relações dos grupos humanos. Sob as circunstâncias certas (ou melhor, ‘erradas’), estereótipos sociais imprecisos podem levar à sua própria realização. Os membros de grupos que são estereotipados como inteligentes, competentes ou simpáticos podem, na verdade, tornar-se mais inteligentes, competentes ou simpáticos do que os membros de grupos para os quais o oposto é verdadeiro. Essas ‘profecias autorrealizáveis’ podem contribuir não apenas para a perpetuação de estereótipos, mas também para as desigualdades de grupo que dão origem a esses estereótipos. No entanto, o impacto desses tipos de processos é limitado, e o grau em que eles contribuem para as desigualdades de grupo é objeto de considerável controvérsia.

Muitos de nós já sentimos a influência do preconceito e dos rumores: o exemplo da corrida bancária mostra claramente as consequências.

Por que um pensamento se torna cada vez mais forte?

As situações acima podem ser totalmente explicadas com um pouco mais de conhecimento sobre o processo de pensamento. O artigo *O clima do pensamento*, de Barend Voorham, nesta edição, fornece uma boa base para desenvolver esse entendimento. O curso do processo de pensamento é explicado pelos Mestres de Madame Blavatsky em suas cartas.⁽²⁾ Ao permitir a entrada de certos pensamentos em nossa mente e dar-lhes um lugar, ou seja, ao prestar atenção a eles, eles se tornam mais poderosos e ganham mais influência em nossa mente. Alimentamos os pensamentos ao pensar neles.

Por sua vez, também *irradiamos* cada pensamento que recebemos. Nossos pensamentos são recebidos por outras pessoas que estão abertas a esse tipo de pensamento. Quando essas outras pessoas, por sua vez, dão atenção a eles, reforçam-nos novamente e começam a agir de acordo com eles, cria-se uma espécie de efeito avalanche. O poder do pensamento do iniciador – a fonte de onde vêm esses pensamentos – é constantemente reforçado. Assim, temos uma profecia autorrealizável. Em última análise, o resultado é que todas essas pessoas pensam: ‘Veja, eu estava certo’.

Quebrando os moldes da mente

Se entendermos o que foi dito acima, fica claro que devemos começar por nós mesmos. Nós mesmos teremos de romper esses padrões de pensamento cíclicos. Todos nós somos capazes de ver além de nossos preconceitos e construir uma visão diferente e muito mais perspicaz. Um bom exemplo dessa perspectiva fundamentalmente diferente pode ser encontrado no *Tao Teh Ching* de Lao Tsu. Por meio do paradoxo 49, ele nos oferece um bom desafio. Nesse paradoxo, ele expressa:

**Sou bom para aqueles que são bons, porque eles são bons;
Sou bom para aqueles que não são bons, para que possam se tornar bons.**

Tenha em mente que ‘ser bom para os que são bons’ e ‘ser bom para os que não são tão bons’ não é o mesmo tipo de bondade. Para ajudar alguém a se tornar bom, você precisa de uma abordagem diferente daquela usada com alguém que já é bom de coração.

Você é bom para as pessoas boas ao ajudá-las a desenvolver ainda mais o altruísmo e a ajuda que já possuem. Você é bom para as pessoas não tão boas ativando a consciência social delas e treinando o autocontrole, ajudando-as a superar

a agressividade. O altruísmo pode ser aprendido, embora muitas vezes seja sentido como desagradável por aqueles que não são tão bons, porque vai contra seus padrões de caráter estabelecidos.

Além disso, esse paradoxo assume uma forma diferente em quase todas as traduções. Existem mais de 150 traduções do *Tao Teh Ching* nos idiomas ocidentais, que podem ser muito diferentes umas das outras.

Prevenção de problemas por meio da compreensão

Teremos de romper com nossos próprios preconceitos, nossas próprias profecias autorrealizáveis, se quisermos construir visões que abordem as causas dos problemas, para que não descubramos somente *depois*, a cada vez, como algum problema poderia ter sido resolvido.

Às vezes, na história, há momentos excepcionais, quando surge a oportunidade de promover mudanças fundamentais e, esperamos, melhorias, se soubermos como fazer bom uso delas. Esse foi o caso em 1989, quando o Muro de Berlim caiu. Naquela época, durante o período de grande agitação na União Soviética, foi solicitada ajuda financeira ao Ocidente. Se nós, naquela época, tivéssemos ajudado a União Soviética dando uma fração dos 800 bilhões de euros que a Europa vai investir agora em recursos militares, poderíamos ter uma situação mundial completamente diferente agora.

Esse argumento econômico pode ser bastante fraco por si só. Mas há também argumentos mais convincentes – e muito mais humanos – para colocar em prática a fraternidade universal. Não é hora de nos perguntarmos se, em vez de investir 800 bilhões de euros em armamentos, não seria muito mais sensato investir esse dinheiro em projetos de paz?

Outro exemplo em que não conseguimos romper nossos próprios preconceitos foram os experimentos no Canadá com a introdução de uma renda básica e a discussão sobre uma renda básica universal, imposto de renda negativo e sistemas de bem-estar relacionados. A discussão remonta à década de 1930, quando o movimento de crédito social tinha ideias nesse sentido.

Dois importantes experimentos de renda básica foram realizados no Canadá. O primeiro foi o experimento Mincome, realizado em Manitoba de 1974 a 1979. Foi um experimento muito bem-sucedido, mas foi uma pedra no sapato de todos os economistas, pois contradizia completamente a visão econômica ocidental que vinha sendo mantida há 100 anos ou mais.

Uma segunda tentativa foi feita em Ontário: o chamado ‘Piloto de Renda Básica’ em 2018. Esse último experimento



tinha a intenção de durar três anos. Entretanto, durou apenas alguns meses, porque o governo conservador recém-eleito cancelou o experimento. Portanto, ele nunca teve uma chance real.

A ideia por trás de ambos os experimentos era dar às pessoas uma base financeira para viver e, portanto, segurança, permitindo que elas usassem sua criatividade para serem bons cidadãos, membros valiosos da sociedade, em vez de se preocuparem constantemente com ‘como posso sobreviver’. Essas são importantes provas vivas em pequena escala de que, nas sociedades em que as disparidades de renda e capital são menores, a felicidade, a prosperidade e a saúde são maiores. E que, portanto, uma visão econômica completamente diferente pode funcionar muito bem.

A alternativa: pensamento altruísta e independente

Devido ao poder negativo de nossos próprios preconceitos e ao fato de que também ativamos esses pensamentos nos outros, criamos um clima mental que permite que todos os tipos de elementos negativos venham à tona e tomem o poder. E então a pergunta é: como nos livramos disso? Lembre-se de que teremos de lidar com as muitas consequências kármicas de nossas profecias autorrealizáveis por muito tempo. As consequências do que fizemos não podem ser revertidas em um instante. Teremos de lidar com o karma que já acumulamos. Também nesse caso, será necessária uma abordagem renovadora e de quebra de hábitos. A citação mencionada do *Tao Teh Ching* nos dá uma chave de ouro aqui.

Em média, nosso conhecimento do processo de pensamento é muito limitado. Por um lado, isso é bom, pois nos oferece alguma proteção contra o egoísmo, a característica dominante de nosso pensamento contemporâneo. Essa ignorância nos protege até certo ponto, porque mais conhecimento também exige mais responsabilidade. Por outro lado, pouparíamos muito sofrimento se percebêssemos as consequências de nosso pensamento.

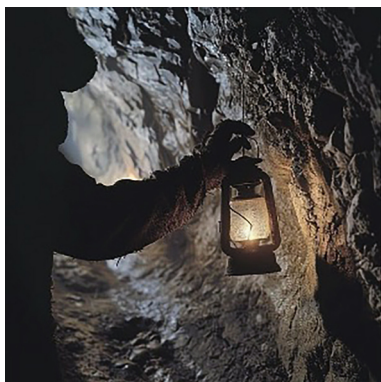
Quando H.P. Blavatsky chegou a Nova York, há 150 anos, ela proferiu as palavras históricas e inesquecíveis: ‘*Eu vim para quebrar os moldes da mente da humanidade*’. Já estava claro para ela e seus professores que superar a rigidez de pensamento é o grande desafio para a humanidade nos próximos ciclos.

Em seus artigos, ela frequentemente escrevia sobre a necessidade de uma visão e uma abordagem completamente diferentes, baseadas na liberdade de pensamento e na pesquisa independente. Portanto, concluímos com esta citação de H.P. Blavatsky:

... para merecer o honroso título de teosofista, a pessoa deve ser, acima de tudo, um altruísta; uma pessoa sempre pronta a ajudar igualmente inimigos ou amigos, a agir, em vez de falar; e a instigar os outros à ação, sem nunca perder a oportunidade de trabalhar. (...) nenhum verdadeiro teosofista jamais ditará ao seu irmão ou vizinho em que ele deve acreditar ou descrer, nem o forçará a agir em linhas que possam ser desagradáveis para ele, por mais adequadas que possam parecer para si mesmo: (a) alertar seu irmão sobre qualquer perigo que ele possa não enxergar; e (b) compartilhar seu conhecimento – se ele o adquiriu – com aqueles que tiveram menos sorte do que ele nas oportunidades de adquiri-lo.⁽³⁾

Referências

1. Muitas fontes, entre elas H.P. Blavatsky, *Theosophical Glossary*. Los Angeles, Califórnia, The Theosophy Company, 1973 (reprodução fotográfica da edição original), lema ‘Asoka’, p. 35-36. Veja também: Helena Blavatsky, *Glossário Teosófico*, A versão original e postuma de 1892, editada por George Mead, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa.
2. O Mestre Koot Hoomi fala sobre o poder das ideias em sua carta de 10 de dezembro de 1880, entre outros lugares. Ver: *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett, em sequência cronológica*. Quezon City, Metro Manila, Filipinas, Theosophical Publishing House, 1993, carta no. 12, p. 39 (carta nº 6 em edições não cronológicas).
3. H.P. Blavatsky, ‘Por que o Vahan’. Artigo em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings [Escritos Coletados]. Volume XII*. Wheaton, Illinois, Theosophical Publishing House, 1980, p. 417-418.



Pensamentos-chave

» H.P. Blavatsky deu ao conceito de compaixão uma profundidade sem precedentes para o Ocidente. Sua base ética, filosófica e lógica para a compaixão é de valor único.

» A sabedoria e a compaixão são uma dualidade que se reforçam mutuamente. No entanto, é possível ser totalmente compassivo quando ainda não temos a sabedoria necessária. Isso tem tudo a ver com nossa *motivação*.

» Neste artigo, explicamos por que a compaixão é diferente da piedade, por que ela não tem nada a ver com 'ser mole' e por que o conceito de autocompaixão é uma contradição em si mesmo.

» O egoísmo tem um efeito de estreitamento em nossa consciência. Quanto mais nos esquecemos de nós mesmos em nosso trabalho para os outros, mais nossa consciência se abre para a influência de nossa natureza divina interior e mais nos tornamos verdadeiramente humanos.

A compaixão como um modo de vida universal

No contexto de *18 milhões de anos de Theosophia, 150 anos de Teosofia*, as palestras da Sociedade Teosófica de Point Loma durante a primeira metade deste ano se concentraram em H.P. Blavatsky e na influência que ela continua a ter até hoje. A última palestra da série sobre o papel de H.P. Blavatsky na renovação do pensamento mundial, *Compaixão como Forma Universal de Viver*, pode ser vista como uma conclusão, mas também como um ponto de partida para acompanhar toda a série. É por isso que estamos publicando agora a adaptação dessa palestra feita por Bouke van den Noort. Todas as palestras podem ser vistas on-line em youtube.com/@theosophicalsocietypointloma e em nosso site blavatskyhouse.org.

Bem-vindo à palestra 'A compaixão como forma universal de vida', a última palestra da série: *O papel de H.P. Blavatsky na transformação da mentalidade mundial*. Essa série acabou se tornando uma série dupla, pois havia tanto a ser mencionado que não poderíamos cobrir tudo em um mês.

Durante esses dois meses, apresentamos as palestras em pares de duas: cada primeira palestra se referia aos ensinamentos e princípios teosóficos: *o coração espiritual de cada ser, a fraternidade espiritual, a liberdade de pensamento e de consciência*, seguida de uma segunda palestra na qual apresentamos exemplos de todas as mudanças sociais que ocorreram com base nesses princípios. Por exemplo, a abolição da escravidão e do racismo, a descolonização, até as muitas atividades de paz e as mudanças inovadoras que ocorreram na ciência por volta de 1900.

Quando analisamos mais de perto o que todas essas mudanças têm em comum, vemos que há um princípio que as atravessa como um fio de ouro: A COMPAIXÃO. A compaixão é a força motriz por trás de todas essas mudanças sociais. É por isso que concluímos esta série com uma elaboração mais aprofundada sobre o que a compaixão implica exatamente e o que significa ter compaixão como modo de vida.

H.P. Blavatsky, é claro, expressou muito sobre isso. É sempre bom enfatizar que essa não era sua visão pessoal, mas a Sabedoria atemporal que ela deu à humanidade como mensageira da Loja de Sabedoria e Compaixão. Ela deu essa sabedoria despojada de todo dogmatismo e degeneração, pois, de fato, todo impulso dessa Grande Loja é uma purificação da mesma Sabedoria Universal.

Introduzindo a compaixão

No entanto, o grande desafio que H.P. Blavatsky enfrentou em sua época foi o de transmitir a profundidade ética do conceito de compaixão a uma sociedade que ainda não tinha essa qualidade. Primeiro, ela teve que sintonizar sua mensagem com o nível da mentalidade predominante a fim de se conectar e, a partir daí, levar as pessoas a obter uma compreensão mais profunda. No início desta série, descrevemos essa mentalidade citando uma carta de um dos professores de Blavatsky na qual o *Mahā Chohan* – o professor dos professores de Blavatsky – fala sobre duas visões dominantes na época: por um lado, a igreja dogmática, baseada na fé cega e, por outro lado, uma ciência fortemente materialista que prevalecia naquele momento, negando qualquer existência de uma vida una ou superior.

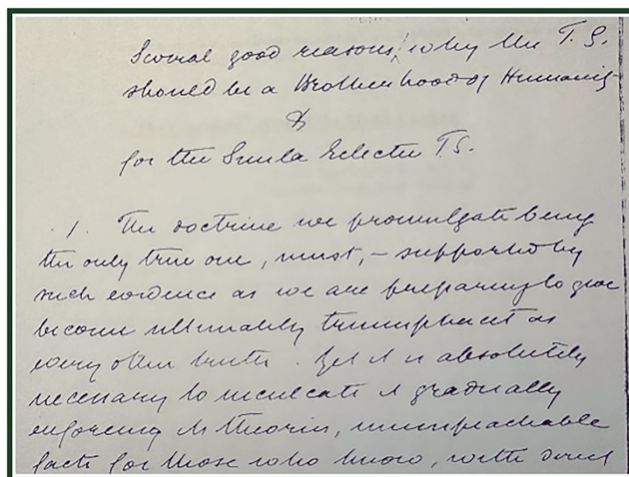
Por que isso é tão importante? Porque quando falamos de compaixão, ambos os pontos de vista, de *'superstição degradante e materialismo brutal ainda mais degradante'*, conforme expresso na carta, minam completamente a ideia de compaixão. Uma fé cega, que paralisa o pensamento independente, a consciência e o senso de responsabilidade, levou a um comportamento de superioridade e à opressão de outras nações. E uma ciência materialista, que negava qualquer forma de vida espiritual, ou a unidade e a interconexão da vida, levou a uma visão de mundo governada pelo acaso e pela sobrevivência do mais apto: na carta referida como *'a maldição conhecida como a 'luta pela vida', que é a verdadeira e mais prolífica mãe da maioria dos infortúnios e tristezas e de todos os crimes'*.⁽¹⁾

Portanto, ambas as visões de mundo dominantes careciam completamente do fundamento da ética e, em meio a isso, Blavatsky tinha a imensa tarefa de levar a mensagem da Fraternidade Universal e da compaixão.

Desenvolvimento e compreensão cada vez maior da compaixão

A maneira como Helena Petrovna Blavatsky assumiu a tarefa certamente não foi aleatória, mas baseada em um plano pré-concebido por seus Mestres para primeiro estabelecer a conexão com as pessoas, conforme mencionado, a fim de construir gradualmente uma compreensão mais profunda. E ela fez isso em aproximadamente quatro fases, as quais, se você observar atentamente, correspondem às quatro fases de vida da organização sobre as quais Johanna Vermeulen falou anteriormente nesta série: *A missão de H.P. Blavatsky na Hierarquia da Compaixão*.⁽²⁾

Essas fases são discutidas a seguir.



Trecho da cópia que A.P. Sinnett fez de uma carta do Mestre Koot Hoomi sobre a visão do Mahā Chohan.

1ª Fase: quebrando os moldes da mente

Começando com a primeira fase em 1877, com a publicação da primeira grande obra de Blavatsky, *Ísis Sem Véu*, na qual sua tarefa era primeiro criar espaço no pensamento ocidental. *'Quebrar os moldes da mente'*, como ela mesma expressou, refutando todos os conceitos errôneos e ideias degeneradas para abrir espaço para o entendimento correto.

O livro consistia em duas partes: 'Ciência' e 'Teologia', exatamente as duas disciplinas mencionadas na carta como as duas maiores causas de sofrimento (quando caem no materialismo e no dogmatismo). E é exatamente essa degeneração que ela refuta ferozmente neste livro.

Ao mesmo tempo em que ela desmonta todas as ideias degeneradas das várias tradições exotéricas, ela mostra a fonte comum, o fundamento esotérico puro de todas essas tradições, quando você olha através da forma externa. E, ao fazer isso, ela introduz dois pensamentos iniciais que são cruciais com relação à compaixão:

1. O Divino não está fora, mas *dentro de nós*. Com isso, ela não apenas devolve ao homem a responsabilidade por suas próprias ações, mas também a ideia de *igualdade fundamental*, já que toda a vida compartilha a mesma essência divina.
2. E com relação à ciência materialista, ela mostrou que, por trás do mundo material, há um mundo muito mais real e causal. Que não existe matéria morta, mas que tudo o que podemos perceber com nossos sentidos é a expressão física de uma vida una.

Dois pensamentos fundamentais para começarmos a ter uma compreensão real da compaixão.

Segunda fase: uma base filosófica ética e lógica para a compaixão

Mas esse início ainda não abrangia a profundidade que Blavatsky lhe dá na fase seguinte, quando ela publica *A Doutrina Secreta* em 1888. Essa obra torna seu impulso verdadeiramente único, pois fornece um *fundamento filosófico* totalmente ético e lógico para a compaixão. Não apenas uma regra de conduta, como a Regra de Ouro, que você encontra em todas as tradições, mas um sistema abrangente de ensinamentos que também pode *ser testado individualmente*.

Essa base filosófica é apresentada em sua totalidade nas três proposições fundamentais de *A Doutrina Secreta*. Três princípios que fornecem, de forma muito concisa, o alicerce completo para a compaixão, mostrando *a unidade fundamental e a interconexão da Vida*, uma vez que toda vida está enraizada na mesma essência sem limites, que, portanto, é também a essência de todo ser.

Esse foi o tema da palestra de 13 de abril: ‘O coração espiritual de cada ser’.

E como esse coração espiritual é o mesmo em todos os seres, há uma *igualdade* essencial da Vida, que foi o tema da palestra de 27 de abril sobre ‘Fraternidade Universal’, na qual mostramos que a Fraternidade Universal não é uma invenção ou sentimento humano, mas um fato, baseado nas Leis do universo.

Os dois volumes de *A Doutrina Secreta* são, de fato, apenas uma elaboração adicional desses princípios. Todos os ensinamentos que vêm junto, como karma, reencarnação, a estrutura hierárquica do universo, involução e evolução, podem parecer técnicos a princípio, mas, na verdade, nada mais são do que a base para a compaixão. Juntos, eles mostram o quadro total de como a vida é interdependente em toda a sua interconexão.

3ª Fase: compaixão na prática como pré-requisito

A próxima fase começa na Sociedade Teosófica (S.T.), na qual a mera compreensão filosófica da compaixão não era mais suficiente, e agora era necessário colocá-la em prática. A organização havia chegado a um ponto em que um grupo de membros era necessário para garantir o futuro da S.T. no mundo. Para formar um núcleo para representar a alma da organização, como o elo entre a Loja de Sabedoria e Compaixão e o mundo exterior quando H.P. Blavatsky não estivesse mais por perto.

Durante esse período, uma série de artigos foi publicada na revista *Lúcifer* – anunciando o início desse grupo chamado

Escola Esotérica – na qual foram explicados os critérios que uma pessoa deveria atender para se associar. Esse núcleo, os membros que o formavam, tinham de ter uma certa qualidade para funcionar como um elo. Essa qualidade era totalmente determinada pelo *grau* em que a pessoa estava disposta a abrir mão de suas próprias ambições e desenvolvimento para o bem-estar da humanidade. Em outras palavras: a compaixão como um mero conceito filosófico não era mais suficiente, mas agora, ser o exemplo vivo era definido como um requisito absoluto.

4ª Fase: revelando os ensinamentos mais esotéricos e profundos da compaixão

Finalmente, na 4ª fase, os ensinamentos mais esotéricos e profundos da compaixão foram dados com a publicação do livreto: *A Voz do Silêncio*. Como ‘instruções para o Discípulo no Caminho’, dedicado aos ‘poucos’, entre outros, aqueles que foram aceitos na Escola Esotérica, que provaram ser dignos.

O livreto é puro Budismo Mahāyāna, ainda sem paralelo em sua profundidade esotérica para o mundo ocidental, consistindo em preceitos para ‘o discípulo no Caminho’, ou seja, aqueles que estão dispostos a dar sua vida para o alívio do sofrimento no mundo; dispostos a sacrificar todo o progresso pessoal para o benefício da totalidade e, assim, ser verdadeiramente uma expressão viva da compaixão.

Mas... e esse é um pensamento crucial para encerrar essas quatro fases: embora a compreensão da compaixão tenha sido construída passo a passo para o *mundo externo*, dentro da organização, desde a fundação em 1875, a compaixão tem sido a única razão de sua existência. Isso fica muito claro na seguinte citação da *Carta do Mahā Chohan*: ‘É melhor que a Sociedade Teosófica pereça com seus infelizes fundadores do que permitir que ela se torne nada mais do que uma academia de magia e um salão de ocultismo.’⁽³⁾

Em outras palavras, se a compaixão não for mais o motivo central dos membros da organização, será o fim dela, no *que diz respeito ao lado externo*. O lado interno da Loja de Sabedoria e Compaixão, como mostramos na série anterior, sempre esteve *e continuará ativo*.

O que é compaixão?

Vamos dar uma olhada mais de perto no que exatamente queremos dizer com compaixão. Se formos direto ao ângulo – seguindo os três princípios fundamentais de *A Doutrina Secreta*, de que toda a vida é inseparável, fundamentalmente igual e una em essência – podemos descrever a com-

paixão como *um senso de unidade, identificando-se com toda a vida e, portanto, vivendo a serviço da totalidade*.

Uma primeira consequência importante dessa descrição é o fato de a compaixão ser *universal*. ‘Ser uma com tudo o que vive’ significa que a compaixão não implica em *nenhuma preferência*, porque assim que você preferir uma coisa à outra, isso simplesmente contradiz essa ideia de unidade e igualdade. Se você considerar isso por um momento, verá que tem consequências de longo alcance: pois significa que você não está apenas disposto a ajudar seus amigos, mas também pessoas que não conhece, ou até mesmo seus chamados ‘inimigos’. Significa também que você não se limita a um determinado grupo, porque a compaixão *transcende o interesse do grupo*, não importa o tamanho dele: seja sua família, uma cidade ou um país. Até mesmo escolher a humanidade como um grupo, como um reino da natureza, implica uma exclusão dos outros reinos do planeta. Portanto, a compaixão *não tem* exceções ou preferências, pois, seguindo a Lei universal da Unidade, por definição ela se relaciona com o todo, incondicionalmente.

É claro que é muito estranho afirmar que a compaixão não tem limites. Então, por que não vemos uma compaixão sem limites ao nosso redor, você pode se perguntar? Isso tem tudo a ver com o fato de que *a consciência dessa unidade é diferente para cada pessoa*. Ela varia de pessoas cuja consciência ainda está completamente adormecida, resultando em total egoísmo, até os grandes Sábios e Mestres Mundiais que experimentam sua unidade com todo e qualquer ser vivo e agem de acordo.

Devido a essa vasta gama de expressões de compaixão, pode-se pensar que a compaixão é um conceito relativo. Mas esse não é o caso e, por isso, é importante fazer o próximo discernimento claro: o *princípio* da compaixão não muda, a *intenção* de trabalhar para a totalidade a partir de um senso de unidade com o melhor de sua capacidade. Essa intenção é sempre a mesma. No entanto, é a *consciência* da unidade que é relativa, pois difere para cada um de nós e, por essa razão, a expressão da compaixão varia na prática.

Mas há mais do que isso. Além de experimentar a unidade da Vida como verdade, há outro elemento importante que, quando ausente, significa que *não se pode* falar de compaixão. Esse é o impulso interno, o *desejo intrínseco de eliminar o sofrimento*. Pois é bem possível estar ciente desse estado elevado de unidade e apenas lutar por ele, sem ter mais preocupação genuína com todas as outras vidas. Essa pode parecer uma diferença sutil, mas é extremamente fundamental. Pois, mais do que o senso de unidade, a compaixão

implica o desejo intenso de apoiar ativamente toda a vida uma que a constitui. É por isso que Gottfried de Purucker, um dos professores teosóficos, fala da compaixão como um estado de *‘simpatia magnética íntima com tudo o que existe’*,⁽⁴⁾ que se expressa no desejo impessoal, um amor incondicional de se dedicar à totalidade, de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para apoiar a vida uma e eliminar o sofrimento que está acontecendo ao nosso redor.

Se concluirmos com uma definição de compaixão, que apresentamos anteriormente nesta série, podemos defini-la como: *pensar e agir a partir de um senso de unidade, do Amor universal e impessoal, da sabedoria e do conhecimento sobre as Leis da Natureza*.

Nessa definição, podemos reconhecer três aspectos da compaixão, dois dos quais acabamos de discutir: 1) o senso de unidade, a interconexão de toda a vida e 2) o Amor universal e impessoal que decorre disso, a ‘simpatia magnética íntima’ e o desejo de aliviar o sofrimento, incondicionalmente, sem exceção.

Mas o terceiro aspecto: *sabedoria e conhecimento sobre as Leis da Natureza*, ainda não abordamos e esse será o próximo assunto. Qual é exatamente a relação entre sabedoria e compaixão?

Compaixão e sabedoria

Não é sem razão que a Grande Loja da qual Blavatsky é a mensageira é chamada de *Loja da Sabedoria e da Compaixão*. Pois esses dois conceitos são inseparáveis, e essa conexão se manifesta de duas maneiras.

A primeira já foi mencionada e tem tudo a ver com a *percepção da unidade*. A capacidade de ver a unidade através ou por trás da multiplicidade de formas físicas e, ao perceber essa realidade maior da unidade, ver através da ilusão da separação.

Outra palavra, também usada para sabedoria, é *discernimento*, porque é exatamente essa habilidade, ser capaz de discernir entre o verdadeiro e duradouro – a essência interior da vida, imortal e UNA – e sua forma externa temporária, que é transitória. Assim, se definirmos compaixão como ‘viver para a totalidade a partir de um senso de unidade’, você verá que a sabedoria, essa compreensão interna da unidade, está diretamente relacionada à compaixão.

A esse respeito, é interessante observar a palavra original em sânscrito para sabedoria, que é *Buddhi* ou *Bodhi*, da raiz sânscrita *Budh*, frequentemente traduzida como ‘iluminado’. No entanto, em vez de iluminado, uma tradução melhor seria ‘desperto’, porque se refere a um estado interno de consciência, em sua maior parte adormecido em nós

agora, mas quando ativamos essa faculdade interna, somos, por assim dizer, despertados nesse estado. Que então chamamos de Buddha.

No *Glossário Oculto* de G. de Purucker, encontramos a seguinte descrição do termo *Bodhi*:

É o estado em que o homem ‘esvaziou sua mente’ de tal forma que ela está preenchida apenas com o próprio Self (Eu), com a individualidade altruísta do Eterno [BvdN: em outras palavras, unido ao Self Universal].⁽⁵⁾

Isso mostra claramente que a compaixão, estando totalmente relacionada a essa capacidade, não é, portanto, apenas um ideal ou desejo agradável, inventado pelas pessoas, mas *um estado de consciência, baseado na realidade*. E, quer esteja adormecido ou não, todos têm esse estado de consciência latente em seu interior.

Aplicação prática

Um segundo aspecto dessa conexão entre sabedoria e compaixão diz respeito à *aplicação prática*. Porque se você quiser ser uma força de ajuda da melhor forma possível, é claro que é importante saber *como* ser uma. Para ilustrar isso com um exemplo simples: se você comprar um novo dispositivo e começar a usá-lo sem um manual, talvez acabe descobrindo como está funcionando, mas (a) isso leva mais tempo e (b) você provavelmente já cometeu vários erros. Erros que talvez tenham de ser corrigidos e que poderiam ter sido evitados se você tivesse lido o manual. E é aí que entra o segundo aspecto da sabedoria: o *insight*, a compreensão de qual ação é necessária em uma situação, como eliminar *a causa* do problema.

Foi também o anseio por esse insight, despertado pela compaixão, que fez com que o Buddha – ainda como Príncipe Sidarta – deixasse seu palácio com o voto de não retornar até que tivesse encontrado a verdade sobre a causa do sofrimento. Até que ele tivesse adquirido a percepção da *causa* do sofrimento e *de como* eliminá-lo. Essa palavra *insight* pode ser interpretada literalmente como ‘ver a causa interna por trás das circunstâncias externas’. Ver com nosso olho interior o que os outros realmente precisam para eliminar a causa de seu sofrimento.

Portanto, se por um lado a sabedoria estimula a compaixão na capacidade de ver a unidade e a interconexão da vida, a visão abrangente de uma realidade maior, por outro lado ela diz respeito ao nível individual, à capacidade de compreender o outro, *qual é a causa interna do sofrimento de uma pessoa* e o que ela realmente precisa para superar seus

próprios desafios. Em outras palavras: ser capaz de se conectar com os outros no nível em que eles se encontram é essencial quando se fala em compaixão, pois, se não formos assim, a sabedoria continuará sendo um conhecimento vazio, sem utilidade para ninguém.

Ou, como expressa Blavatsky: ‘*Portanto, a dupla atividade de aprender e fazer é extremamente necessária; temos que fazer o bem e temos que fazê-lo corretamente, com conhecimento.*’⁽⁶⁾

É possível ser compassivo sem sabedoria?

Então, é claro, surge a pergunta inevitável: se os dois conceitos estão tão inextricavelmente conectados, é possível ser compassivo sem sabedoria? Essa é uma pergunta importante, porque às vezes ouvimos as pessoas expressarem que primeiro é preciso trabalhar em si mesmo, tornar-se sábio, antes de poder ajudar os outros. Mas Blavatsky é muito clara sobre a falácia dessa afirmação e que o oposto é até mesmo o caso.

Porque a interação da sabedoria e da compaixão também significa que não há maneira mais rápida de se tornar mais sábio do que ajudando os outros.

Isso nos leva de volta à essência da compaixão: a *intenção* que determina tudo! O motivo de querer ajudar os outros, sem buscar nenhum benefício para si mesmo. Portanto, se o chamado manual estiver faltando, mas a ajuda for urgentemente necessária em algum lugar, você pode sentar e esperar por um manual, mas também pode ir imediatamente ao resgate com o melhor de sua capacidade. E quando você faz isso, e o faz com o motivo certo, o desejo sincero de ajudar o outro, você tem a garantia de desenvolver a sabedoria necessária mais rapidamente. Blavatsky faz a seguinte expressão sobre isso quando alguém lhe pergunta sobre as maneiras pelas quais a intuição deve ser desenvolvida:

Em primeiro lugar, exercitando-a e, em segundo lugar, não a usando para fins pessoais. Exercício significa que ela deve ser exercitada por meio de erros e machucados até que, por meio de tentativas sinceras de uso, ela adquira sua própria força. Isso não significa que podemos fazer o que é errado e deixar os resultados, mas que, depois de estabelecer a consciência em uma base correta seguindo a regra de ouro, damos vazão à intuição e aumentamos sua força. Inevitavelmente, no início cometeremos erros, mas logo, se formos sinceros, ela se tornará mais brilhante e não cometerá erros.⁽⁷⁾

É também por isso que encontramos em *A Voz do Silêncio* que o *autoconhecimento é uma ação de amor à criança*.⁽⁸⁾ Onde ‘Self’ é escrito com letra maiúscula porque se refere

ao SELF Universal, a essência universal de toda a Vida una, sobre a qual ganhamos mais percepção quando pensamos e agimos por compaixão.

Outra de suas citações é que a filosofia não é apenas ‘o amor da sabedoria’, mas também: ‘a sabedoria *do* Amor’.⁽⁹⁾ Exatamente a mesma ideia de que o Amor – não o amor pessoal por alguém ou algo em particular, mas o AMOR incondicional por *toda a vida* – leva a uma percepção mais profunda da essência dela.

Em resumo, pode-se dizer que a sabedoria e a compaixão formam uma dualidade que se reforça mutuamente, como dois aspectos da mesma coisa, mas a compaixão sempre como o motivo principal.

Bodhisattva

Tudo isso se encaixa perfeitamente no termo *Bodhisattva*. Uma palavra em sânscrito cuja tradução literal é: ‘aquele cujo ser se tornou sabedoria’. Um Bodhisattva é frequentemente descrito como um ser que está a apenas um passo do estado de Buddha e de alcançar o Nirvãa. Mas um ensinamento mais esotérico é que um Bodhisattva renuncia conscientemente a esse estado de bem-aventurança espiritual, a fim de ainda ser capaz de aliviar o sofrimento na Terra. Porque, embora o Bodhisattva tenha essa visão revelada da unidade e tenha se elevado totalmente além da ilusão do mundo físico, ele está plenamente consciente de que esse mundo material é *uma realidade para a humanidade sofredora*, e ainda se identifica com ele.

É por essa mesma percepção, essa Sabedoria interior, guiada pela compaixão, que um Bodhisattva decide não desaparecer no estado de Nirvãa, mas recusá-lo para ser uma força de ajuda neste mundo.

O que a compaixão não é

Eu também gostaria de dar uma olhada no que a compaixão *não é*, porque a clareza sobre o que algo não é também ajuda a obter uma imagem mais clara do que *é*. Além disso, oferece a oportunidade de corrigir o que *não é*. Ainda por cima, ela oferece a oportunidade de corrigir vários mal-entendidos sobre a compaixão. Mas, para fazer isso corretamente, primeiro precisamos ter uma visão clara do que somos como seres humanos.

E também nesse aspecto, Blavatsky fez uma contribuição inestimável ao (re)introduzir o conhecimento da *natureza composta* do homem. Ela fez isso de diferentes maneiras, que não diferem umas das outras principalmente, mas apenas no nível de detalhes. Por enquanto, destacarei apenas as mais detalhadas, porque, no final, é a simples divisão em

duas partes que é de fato a mais útil para explicar os mal-entendidos em torno da compaixão.

Essa ideia de nossa natureza composta sempre começa com o fluxo de consciência que somos essencialmente como seres humanos, infinito em essência, enraizado na ausência de limites.

Nesse fluxo, podemos reconhecer sete níveis ou *estados de consciência* dentro de nós, desde o alcance mais universal até o mais limitado (veja o primeiro diagrama). De Ātman, o SELF Universal, nosso senso de unidade com todo o universo, até o alcance mais limitado do Sthūla-Śarīra, que é o nosso corpo físico. E tudo o que está no meio: emoções, desejos, visões e ideais que somos em nossa totalidade como um feixe de forças e características. No diagrama, também podemos ver Buddhi localizado logo abaixo de Ātman, porque é nossa sabedoria interior, que nos permite ver a unidade e o núcleo interno em toda a Vida.

Essa divisão sétupla pode ser simplificada em uma divisão tripla com uma parte imperecível (ou espiritual), um aprendizado e uma parte transitória (corpo), sendo que a parte do aprendizado é nossa consciência *humana*, nossa alma ou mente ativa, por meio da qual nos expressamos.

Finalmente, há outra divisão que Blavatsky também usa, a mais básica de uma dualidade: a do homem interior e a do homem exterior. O interior, que se identifica com o imperecível, nossa parte imortal reencarnante, realizando nossa unidade com toda a vida, sendo altruísta e compassivo.

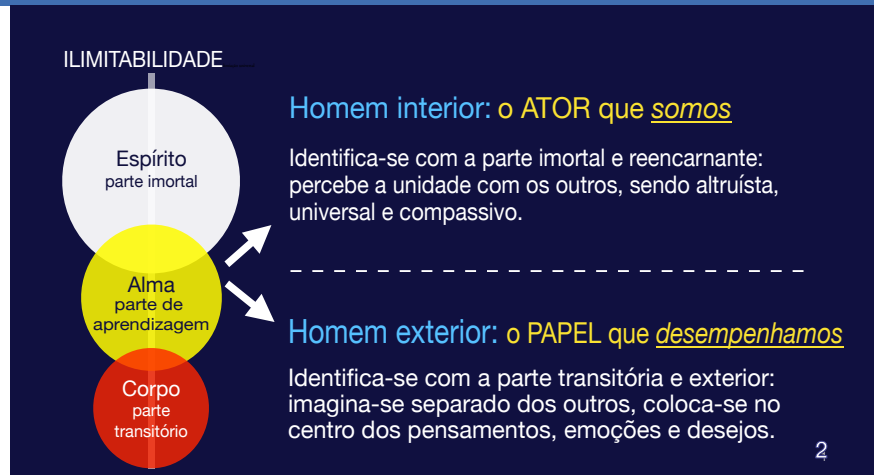
E o homem externo, que se identifica com o mundo físico e transitório, o que faz com que ele se sinta separado dos outros, colocando-se constantemente no centro de todos os seus pensamentos, emoções e desejos. Blavatsky dá a esses dois ‘selves’ em nós os termos ATOR e PAPEL, o ator que essencialmente *somos* e o papel que *desempenhamos* como ator. Portanto, o ator é o homem interior imortal, que desempenha um novo papel a cada vida una. E assim como o ator usa um traje temporário em uma peça, o homem interior usa sua personalidade como instrumento temporário para apenas esta vida una (veja o segundo diagrama).

Apesar do fato de *sermos* o ator, apenas *representando* um papel, muitas vezes ainda podemos nos identificar totalmente com esse papel. E fazemos isso toda vez que dizemos ‘eu’ a todas as nossas emoções, desejos e impulsos pessoais nos quais nos colocamos no centro.

Mas se, por outro lado, nos identificamos com o ator, dizemos ‘eu’ à nossa consciência, à nossa sabedoria interior acumulada ao longo das vidas, ao nosso senso de unidade e interconexão, o que nos torna capazes de perdoar, amar e ser altruístas, sem julgamento, devido à nossa capacidade



1



2

de ver o potencial real interno por trás das limitações externas. Portanto, é a esse Self do ator interior que pertence a compaixão como um estado de consciência.

Portanto, considerando os mal-entendidos que envolvem a compaixão, é essencial ter em mente essa divisão dupla. Porque quando falamos de compaixão em relação a nós mesmos, a pergunta-chave é sempre: qual eu? o ator que somos ou o papel que desempenhamos?

Sem piedade

O primeiro equívoco: que compaixão é o mesmo que pena. Esse não é o caso. Embora você tenha empatia pela outra pessoa, ao sentir pena, ela fica limitada ao plano emocional. Você projeta seus próprios sentimentos na situação da outra pessoa, o que faz com que você realmente sofra com ela. Usando a metáfora de Blavatsky, pode-se dizer que, ao desempenhar seu papel, você tem empatia pelo papel da outra pessoa, identificando-se com ele, o que o limita nesse mesmo nível.

A compaixão transcende o nível emocional porque, embora você, é claro, tenha empatia pelo outro, estando totalmente ciente de seu sofrimento, ao mesmo tempo sabe que o outro é mais do que a personalidade sofredora. Porque você é capaz de ver o ator, o homem interior por trás do papel, por trás da personalidade sofredora. E é com essa parte que você se conecta, de ator para ator, por assim dizer.

Portanto, em caso de compaixão, você não se perde em emoções, mas permanece calmo e tranquilo, concentrando-se em sua parte interior, que é capaz de enfrentar seu sofrimento. A parte em que a capacidade e a força estão presentes para superar o próprio sofrimento. É a isso que você recorre.

Portanto, compaixão significa que você não vê a outra pessoa como uma vítima, mas como alguém que é capaz de se recuperar. E é claro que você também dá apoio emocional, mas não se prende às emoções porque o verdadeiro apoio é superar esse nível. Ao transcender a emoção, você ajuda o outro a ver a causa do sofrimento com o olho interior, para que ele mesmo possa remover essa causa.

Não ser gentil o tempo todo

Ser compassivo também não significa ser gentil o tempo todo, outra concepção errônea sobre a compaixão. O fato de permitir que alguém cresça interiormente e supere seus próprios desafios kármicos pode, às vezes, parecer cruel. Assim como uma criança pode se sentir dura quando lhe são impostos limites, quando na verdade isso é para o seu próprio bem, permitindo que ela adquira autocontrole e altruísmo.

De modo semelhante, a compaixão não visa tanto a agradar o homem *exterior*, mas sim a ajudar o homem *interior* a *dominar* sua própria personalidade.

Blavatsky expressa, nesse contexto, que um Adepto, um Sábio, por sua grande capacidade intuitiva, *sabe* a quem aliviar da dor por meio da bondade e a quem deixar na lama, porque, naquele momento, esse é o seu melhor professor. Essa bondade e esse tratamento gentil podem, em certos casos, até mesmo trazer à tona as piores qualidades de alguém. Portanto, embora não ceder aos desejos da personalidade possa *parecer* cruel, na verdade é exatamente o oposto. De fato, não há maior ajuda possível do que apoiar o homem interior com insights para que *ele mesmo* supere seus desafios. Em outras palavras, dar ao ator a oportunidade de retomar o controle de seu papel.

Não deixar que os outros passem por cima de você

Outro mal-entendido: compaixão significa ser ‘mole’, permitindo que todos passem por cima de você. Mais uma vez, o oposto é verdadeiro: defender os outros sempre e em qualquer lugar, sem exceção, independentemente das consequências para si mesmo, na verdade requer enorme força interior e resiliência. Defender a justiça, aqueles que são oprimidos, requer coragem absoluta. Pense em todos os jornalistas que atualmente arriscam suas vidas em zonas de guerra para expor a verdade e a injustiça ao mundo. Ou os trabalhadores humanitários e médicos que arriscam suas próprias vidas para salvar a vida de outras pessoas.

Se você perguntar a essas pessoas, elas geralmente não se consideram corajosas, pois para elas as escolhas que fazem são óbvias. De fato, muitas vezes elas expressam que não *poderiam* agir de outra forma, porque seu senso de justiça e compaixão é tão poderoso que é mais forte do que o medo. E isso mostra novamente que a compaixão, como um estado de consciência do homem interior, permite que a pessoa se esqueça de si mesma, transcenda seu papel e supere seus medos pessoais.

Sem autocompaixão

A última concepção errônea que quero mencionar talvez seja a mais difícil de combater. A ideia de ‘autocompaixão’ é ouvida com muita frequência na sociedade. A ideia de que é preciso amar a si mesmo primeiro, ter compaixão por si mesmo antes de poder tê-la pelos outros. Mas aqui, mais uma vez, o oposto é verdadeiro, e tentarei explicar por quê. Em primeiro lugar, o conceito de autocompaixão é uma contradição em si mesmo. Pois se a compaixão se origina na ideia de unidade, pensando e agindo em prol da totalidade a partir do senso de unidade, isso significa, por definição, que ela diz respeito à totalidade, concentrando-se em seu mundo e *não* em si mesmo. É claro que você também é parte do todo, mas afirmar que você deve escolher primeiro por si mesmo é pensar em separação e, nesse sentido, a autocompaixão é, na verdade, uma incongruência filosófica. Entretanto, essa pode ser uma resposta bastante teórica, então vamos ver de onde vem essa ideia de autocompaixão. Aqui, a metáfora do ator e do papel que desempenhamos é útil novamente, pois a chave para a questão da autocompaixão é novamente: *qual eu?* O ator que *somos* ou o papel que *desempenhamos*?

Se observarmos de onde vem a ideia de autocompaixão, veremos que é a *personalidade* que diz ‘eu’ ao papel que desempenha, julgando-se continuamente nesse papel. Criticando

a si mesma, classificando-se de forma inadequada, muitas vezes em relação às expectativas sociais e com medo de não atender a essas expectativas. A personalidade pressiona continuamente a si mesma para ter um bom desempenho, para atender à chamada ‘imagem perfeita’ (*e fazer um estudo e ter aquele emprego perfeito e ter uma casa e mostrar sua vida perfeita nas mídias sociais... etc.*).

Como uma reação contrária da *personalidade* a essa pressão autoimposta, esse autojulgamento de ‘não ser bom o suficiente’, surge a ideia da autocompaixão. Mas o que acontece quando, em vez de se condenar, você começa a ter a chamada compaixão por si mesmo? Então, *essa mesma personalidade permanece central*. Você continua expressando ‘eu’ a esse papel ilusório que desempenhamos e, ao fazer isso, na verdade sustenta o chamado ‘condenador em si mesmo’.

Em vez de sustentá-lo, na verdade, você não deveria lhe dar atenção alguma. Porque tanto a atenção negativa quanto a positiva apenas *reforçam* a personalidade. Portanto, não se julgue, não dê tapinhas no ombro nem tenha pena de si mesmo, mas *esqueça-se de si mesmo*.

E não há melhor maneira de fazer isso do que mudar sua atenção de se concentrar em si mesmo para se concentrar no mundo ao seu redor. Descubra uma maneira de ser significativo e o que você pode fazer pelos outros. Porque no momento em que você deixa de lado seus interesses pessoais em favor dos interesses dos outros, a personalidade abre espaço para que o ator interior assuma a liderança, sem julgamento e com Amor incondicional – incluindo você mesmo como parte da unidade. E, automaticamente, a voz condenatória e julgadora da personalidade desaparecerá.

É por isso que, na literatura teosófica, você encontra o paradoxo de que primeiro é preciso *esquecer de si mesmo para encontrar o seu Self*, com ‘S’ maiúsculo. Encontramos a mesma ideia em outra citação da carta do Mahã Chohan, expressando que: ‘*Todos nós temos que nos livrar de nosso próprio Ego, o eu ilusório aparente, para reconhecer nosso verdadeiro eu em uma vida divina transcendental*’.⁽¹⁰⁾

Entretanto, *para a personalidade*, essa ideia de ‘esquecer-se de si mesmo’ dá uma ideia de sacrifício, de perder algo ou de ter que abrir mão de algo. Mas isso ocorre apenas porque, a partir da perspectiva limitada do papel que desempenhamos, não conseguimos visualizar a magnífica sabedoria, o Amor e a compreensão que tudo permeia e que virão em seu lugar.

Portanto, quero lhes mostrar a seguinte citação dos *Preceitos de Ouro do Esoterismo* de Gottfried de Purucker, onde ele nos mostra essa visão, com tanto poder e beleza, porque ele fala a partir de sua própria experiência:

Doces são os frutos do esquecimento de si mesmo – o completo esquecimento de sua personalidade em algo tão belo e impessoal que a língua humana não consegue descrever! Pois o esquecimento de si mesmo, a piedade, a compaixão e a paz são os frutos da Harmonia Cósmica, que é o próprio coração do Universo. Quando você começa a perceber esse fato, começa a crescer em sua alma algo que é indescritível, que não pode ser expresso em palavras, mas que é ao mesmo tempo luz, vida, paz, sabedoria e Amor onipotente – impessoal, universal; de modo que tudo o que existe, em qualquer lugar, exerce fascínio sobre você, pois você o ama.⁽¹¹⁾

Tornando-se mais HUMANO

Isso mostra maravilhosamente que, em vez de desistirmos ou perdermos algo, na verdade nos tornamos mais nosso Self com ‘S’ maiúsculo. Porque no momento em que expandimos nossa consciência do nosso self limitado para o Self universal, correspondentemente, essa parte universal se torna ativa em nós. Quanto mais você se concentra em si mesmo, mais sua consciência se estreita e se oculta. Assim como as cortinas obscurecem um cômodo, o egoísmo obscurece nossa consciência. E assim como a luz pode brilhar no cômodo quando abrimos as cortinas, a abnegação permite que a luz interior brilhe em nós mesmos.

A abnegação dissolve os véus da personalidade, permitindo que a influência espiritual de nossa natureza divina entre, tornando-nos mais humanos. Porque nossa evolução humana é uma evolução espiritual *da consciência*, do despertar de nossas faculdades interiores, de nossa natureza divina, que se expressa em todas as características como compreensão, sabedoria, senso de uma e amor incondicional por toda a vida. Portanto, desenvolver a compaixão não é apenas uma escolha, é a única maneira de nos tornarmos totalmente humanos, em nosso caminho para o estado de Buddha. Na verdade, enquanto *não* pensarmos e agirmos com compaixão, estaremos agindo contra o curso natural da evolução, contra o *progresso*.

Intuitivamente, todos nós sabemos disso. Todos conhecem o sentimento de querer ser significativo e fazer uma contribuição útil na vida. Todas as crises bem conhecidas que podem ocorrer em diferentes momentos da vida, como a crise *da meia-idade*, o ‘dilema dos trinta e poucos anos’, a crise *do quarto de vida* (cunhada recentemente), têm uma coisa em comum: são *crises existenciais* sobre *ser significativo*, sobre o propósito do papel que desempenhamos como atores nesta vida. Apesar de um bom emprego ou um bom salário, sentimos um vazio interior, decorrente da percepção de que deve haver mais na vida.

E a resposta definitiva, ou a cura para todas essas crises, é a COMPAIXÃO, dedicando-se a um propósito maior do que apenas você mesmo. Colocar seus talentos e qualidades a serviço do todo maior do qual você é uma parte inseparável.

A compaixão como um modo de vida

Isso nos leva, finalmente, à prática da compaixão como um modo de vida, que, antes de mais nada, começa com a simples aplicação, colocando-a em prática. ‘Sentir *‘compaixão’* sem um resultado prático adequado decorrente disso não é mostrar-se um *‘altruísta’*, mas o contrário’, expressa Blavatsky.⁽¹²⁾ É tudo uma questão do que você faz e não apenas do que você pensa. É por isso que encontramos a frase em *A Voz do Silêncio*: ‘Você não pode trilhar o Caminho antes de ter se tornado o próprio Caminho.’⁽¹³⁾ Pois você tem que ser o próprio exemplo vivo, como de fato acontece com tudo. Você pode aprender, por exemplo, tudo sobre bicicletas, todas as diferentes partes e como elas funcionam, mas enquanto você mesmo não tiver pisado em uma bicicleta, não será capaz de andar em uma e simplesmente não será um ciclista. E isso não é diferente com a compaixão, você tem que aplicá-la, tem que vivê-la para poder ser ela.

Estágios do despertar do Deus interior

Mas assim como se começa a pedalar em um triciclo, a compaixão é algo que se desenvolve passo a passo. Em um de seus artigos, Blavatsky descreve o processo dessa crescente realização da compaixão dentro de nós. Ela faz isso por meio dos vários estágios do despertar de nosso Deus interior, que na verdade se resume exatamente à mesma coisa que a consciência crescente da compaixão.

Nesse artigo, ela explica que a humanidade está no ponto de inflexão, tendo desenvolvido as sutilezas de sua natureza animal até o limite, para agora entrar em contato com o divino. Portanto, estamos nos identificando cada vez mais com o ator interior em vez do papel que desempenhamos. E ela descreve os diferentes estágios dessa transformação, de mostrar a evolução de nossa qualidade divina:

Começando com uma pessoa egoísta, que, seguindo suas tendências animais, está completamente concentrada em si mesma, não se importando com os outros, mas apenas com seu próprio bem-estar. Quando essa pessoa se casa e tem filhos, seu alcance já se expande para sua família, pela qual desenvolve compaixão. Dando um passo adiante, esse alcance se estende a seus amigos e parentes, pelos quais ele sente simpatia, sempre disposto a dar uma mãozinha quando necessário.

Em seguida, Blavatsky descreve um patriota, alguém que se identifica com seu país, disposto a lutar por ele, estendendo seu círculo até as fronteiras do país, mas ainda não percebendo sua conexão com os habitantes de outros países.

Até agora, explica Blavatsky, essa expansão da consciência que está ocorrendo ainda está no nível do *homem exterior*, porque ainda há um elemento de afeição pessoal nela, afirmando uma forma de separação. De identificação com um grupo, por maior que seja, mas que ainda não inclui toda a humanidade. Ainda é o homem *exterior* que se identifica com a *forma exterior de um grupo*, e é aí que reside o grande perigo. Porque quando essa pessoa se torna fanática e, por causa desse fanatismo, se dedica ao seu país ou à sua fé, ela se torna o próprio terreno fértil para a miséria, para a luta contra ‘o outro que não é seu’.

Blavatsky então continua:

Ascendendo, no entanto, na escala da humanidade, chegamos àqueles que revelam o Deus latente no homem em pensamentos, palavras e ações de divino auto-sacrifício; a prerrogativa de sua divindade manifesta-se primeiramente em atos de verdadeira caridade, em piedade por seus semelhantes que sofrem, ou a partir de um sentimento intuitivo de dever, o primeiro anúncio de acesso à responsabilidade divina e a realização da unidade de todas as almas.⁽¹⁴⁾

Em outras palavras: além da forma externa, abrangendo o lado interno de toda a vida, a *unidade de todas as almas*, a consciência imortal por trás de qualquer forma externa. Essa é a verdadeira compaixão: sem preconceitos, sem ser seletiva, mas *universal*, abrangendo toda a vida.

A escolha de trabalhar pela humanidade

E no exato momento em que você fizer essa escolha, de se dedicar à humanidade a partir desse senso de unidade, algo acontecerá dentro de você. Então, como mencionado anteriormente, essa luz divina começa a brilhar em você, causando uma aceleração do desenvolvimento de suas habilidades internas, permitindo que você seja significativamente relevante e significativo. Isso se expressa de duas maneiras: por uma parte, esse desenvolvimento da consciência leva a uma sabedoria crescente, uma compreensão mais profunda que lhe permite ver mais claramente *como ser útil* aos outros e qual é a sua função na vida (a cura para as crises existenciais mencionadas anteriormente). Por outro lado, essa consciência em expansão também leva a um alcance cada vez maior, a um círculo de influência cada vez maior, com um *número cada vez maior* de pessoas que você pode ajudar.

É um processo gradual de desenvolvimento no qual cada um ocupa seu lugar exclusivo. O lugar em que nos encontramos nesse Caminho, na verdade, não importa, desde que a intenção seja do coração, de agir e viver para o bem-estar do todo, sem esperar nada em troca. Isso é o que realmente importa. Sempre nos perguntando nas escolhas que fazemos na vida: o que é melhor para o bem maior? É claro que não devemos exagerar nisso, mas ver o que podemos fazer, progredindo de forma gradual e constante, tentando fazer um pouco melhor a cada vez.

E a verdadeira força para perseverar está na percepção de que a compaixão, como já ficou claro, não é um desejo vago; não é um ideal inatingível; não é apenas uma qualidade agradável que alguns têm e outros não, mas que *a compaixão é nossa essência mais profunda*, um estado divino de consciência, que estamos aprendendo a expressar cada vez mais.

Portanto, a compaixão como um modo de vida universal é, de fato, a coisa *mais natural* que existe.

É o desenvolvimento da força interior que está sendo liberada quando nos esquecemos de nós mesmos a serviço do bem-estar da totalidade. Uma força interior que transcende todos os desafios e limitações pessoais e cuja ‘*recompensa*’, como expressou Blavatsky, ‘está além de qualquer descrição’, ou seja: ‘*o poder de abençoar e salvar a humanidade*’.⁽¹⁵⁾

Referências

1. Á carta do Mahā Chohan, uma versão resumida da visão do Chohan sobre o S.T., escrita por Mahātma K.H. A transcrição foi feita por A.P. Sennett em formato escrito e impresso. (Fonte: <https://www.theosophyconferences.org/about-itc/purposes-and-declarations>).
2. Realizado em 16, 23, 30 de março e 6 de abril de 2025. (Consulte o site: <https://blavatskyhouse.org>).
3. Consulte a ref. 1.
4. G. de Purucker, *Occult Glossary*. Plymouth, The Mayflower Press, 1933, lema ‘Buddha’s of Compassion’, p. 34. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/occult-glossary/>).
5. Consulte a ref. 4, lema ‘Bodhi’, p. 30.
6. H.P. Blavatsky, ‘Let every man prove his own work’, [‘Que cada homem prove seu próprio trabalho’]. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings, Volume VIII*. 3ª impressão. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1990, p. 160.
7. H.P. Blavatsky, ‘Conversations on Occultism’ [Conversas sobre Ocultismo]. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings, Volume IX*. 1ª edição, 2ª impressão. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1962, p. 400-G-400-H.
8. H.P. Blavatsky, *The Voice of the Silence [A Voz do Silêncio]*. Fragmento II, ‘Os Dois Caminhos’. (Fonte, por exemplo: https://en.wikisource.org/wiki/The_Voice_Of_The_Silence/Fragment_II_The_Two_Paths).

9. H.P. Blavatsky, 'The origin of the mysteries' [A origem dos mistérios]. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings, Volume XIV*. 1ª edição. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1985, p. 255 (nota de rodapé).
10. Ver ref. 1.
11. G. de Purucker, *Preceitos de Ouro do Esoterismo*. Segunda Edição Revisada, Fundação I.S.I.S., Haia, 2025, p.64. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/golden-precepts/>). Veja também a mensagem abaixo.
12. H.P. Blavatsky, 'What shall we do for our fellow-men?' [O que devemos fazer por nossos semelhantes?]. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings, Volume XI*. 1ª edição. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1973, p. 469.
13. Veja ref. 8, Fragmento I, 'A Voz do Silêncio'. (Fonte: https://en.wikisource.org/wiki/The_Voice_Of_The_Silence/Fragment_I_The_Voice_Of_The_Silence).
14. Helena P. Blavatsky. 'The Struggle for existence' [A luta pela existência]. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings, Volume XI*. 1ª edição. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1973, p. 149.
15. William Kingsland, *The Real H.P. Blavatsky [A Verdadeira H.P. Blavatsky]*. Londres, John M. Warkins, 1928, p. v ('Dedicação'). (Fonte, por exemplo: http://iapsop.com/ssoc/1928_kingsland_real_h_p_blavatsky.pdf).

Nova publicação da Fundação I.S.I.S. em português

Preceitos de Ouro do Esoterismo de Gottfried de Purucker

Este livreto contém uma coleção de extratos dos ensinamentos de milhões de anos da Religião-Sabedoria da humanidade, conforme ensinados na Sagrada Loja da Compaixão.

Os ensinamentos destinam-se ao estudo e à meditação dos Chelas – discípulos – da Escola Esotérica. Eles foram extraídos da mesma fonte que os preceitos do livro *A Voz do Silêncio*, de H.P. Blavatsky, mas foram convertidos em uma linguagem mais compreensível para o Ocidente.

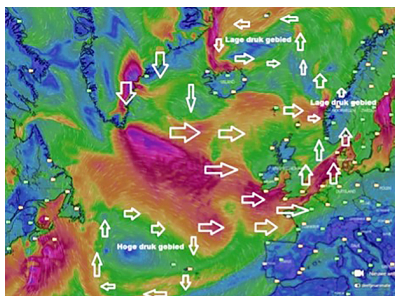
Um apoio e incentivo para todos os estudantes da Sabedoria Antiga, para todos que gostariam de saber algo mais sobre a vida levada pelos Chelas da Sabedoria Antiga. Uma oportunidade de abordar questões atuais sobre o significado e a perspectiva da vida de uma maneira totalmente diferente.

G. de Purucker nasceu em Suffern, Nova York, em 1874. Em Genebra, ele estudou inglês, francês, alemão, hebraico, latim e grego, mas seu estudo da filosofia oriental, do sânscrito e das obras dos primeiros Padres da Igreja desviou sua atenção para a Sabedoria Antiga ou Filosofia Esotérica, a fonte comum de todas as religiões do mundo. Em 1892, ele ingressou na Sociedade Teosófica, da qual foi líder de 1929 até sua morte em 1942.



O livro pode ser encomendado por meio da I.S.I.S. Foundation, enviando um e-mail para info@blavatskyhouse.org

Ele também está disponível para download gratuito no site: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>



Não só existem áreas de alta e baixa pressão na atmosfera física da Terra, como também existem todos os tipos de correntes na Luz Astral que surgem de áreas mentais de alta e baixa pressão.

Pensamentos-chave

» Zeitegeist: um reservatório de ideias que prevalece em uma época. Os pensamentos podem se espalhar rapidamente e formar uma rede mental: o clima mental.

» A Luz Astral é um mundo ou esfera etérica que se encontra 'acima' do mundo percebido por nós sensorialmente. Ela é o molde de todo o mundo físico. Há muitas camadas na Luz Astral, como o mundo dos sentimentos, do desejo, o reino mental e até mesmo uma parte espiritual desse mundo inferior. No sub-reino mental, há todos os tipos de pensamentos que variam em qualidade. Se você não dominar seu pensamento, será inundado por imagens de pensamentos mentais.

» Um pequeno grupo de pessoas benevolentes e altruístas pode construir um nobre reino mental superior por meio de seus pensamentos, o que pode exercer grande influência.

O clima do pensamento

A galeria de imagens cósmicas e individuais

Há pessoas que têm tanto medo do aquecimento do clima que acreditam que a humanidade não tem futuro. Mas quase não há pessoas que se preocupam com o clima do pensamento. Não queremos banalizar o aquecimento global, mas um problema ainda maior do que a mudança climática é a poluição do nosso clima de pensamento. O que podemos fazer a respeito disso?

Muitas pessoas estão preocupadas com os eventos atuais que estão ocorrendo em uma velocidade vertiginosa. Há agitação em todas as áreas: na economia, na política, no clima, na questão dos refugiados e, principalmente, na guerra. Acho que poucas pessoas estão satisfeitas com o *zeitgeist* atual. *Zeitgeist* significa uma forma de pensar que está em voga. São os pensamentos que a maioria das pessoas tende a ter. É um reservatório de ideias que dá cor a uma determinada época. Poucas pessoas se maravilham com a origem dos pensamentos que definem nossa era. Parece que muitas pessoas passam por esses pensamentos da mesma forma que passamos por uma tempestade ou uma onda de calor. O *zeitgeist*, no entanto, não é um fenômeno externo a nós que simplesmente cai do céu. Se quiser saber de onde ele vem, você precisa se concentrar no que são os pensamentos.

De acordo com a Teosofia, os pensamentos são coisas reais, coisas vivas.

Eles existem. São tão reais quanto os átomos, as células ou as moléculas. E assim como um certo número de átomos em cooperação sob a influência orientadora de um ser-árvore pode formar uma árvore, um grande número de pensamentos pode formar algo tão real quanto uma árvore. E quando esses pensamentos refletem a característica geral de uma época, falamos do *zeitgeist*. Você também poderia chamá-lo de clima de pensamento atual e dominante, que é tão real quanto o clima físico com o qual tanto nos preocupamos. Vamos explicar isso.

Clima de pensamento

Quando Helena Petrovna Blavatsky desembarcou em Nova York em 1873, ela pronunciou as famosas palavras: 'Eu vim para quebrar os moldes do pensamento dos homens'. Com isso, ela quis dizer que deveria romper os padrões de pensamento arraigados na mente das pessoas. Os

hábitos de pensamento humano haviam tomado um rumo profundo e sido galvanizados na consciência. Eles estavam tão presos em uma rotina que novos pensamentos, mais em sintonia com a realidade, tornaram-se muito difíceis de pensar e criar raízes. Não havia espaço para isso, por assim dizer. O pensamento materialista emergente e os dogmas da igreja eram dominantes no século XIX. Eles determinavam amplamente o pensamento da maioria das pessoas. No zeitgeist daquela época, a guerra era normal e útil, as mulheres e os trabalhadores tinham poucos ou nenhum direito, a religião e a civilização de cada um eram elevadas acima das dos outros e a moral burguesa era tão sufocante que quase ninguém se desviava dela.

Como você pode quebrar hábitos, ou melhor, pensamentos, pois eles são a base dos hábitos? Qualquer pessoa que já tentou mudar um hábito específico dentro de si, sabe como isso pode ser difícil. Então, como você pode mudar o pensamento mundial?

Vamos responder a essa pergunta primeiro de forma negativa: você não quebra hábitos fazendo mudanças no nível dos hábitos. Conforme mencionado, os pensamentos são a base dos hábitos. E mudar os pensamentos não é fácil. Basta tentar parar de fumar ou de tomar café. Você não terá sucesso de forma sustentável até que pare de pensar em cigarros ou café.

Os pensamentos são seres vivos

Nós já dissemos que os pensamentos são coisas realmente existentes. Eles não são meros fluxos em nosso cérebro. O fato de não podermos percebê-los não deve mais ser um obstáculo para assumirmos que os pensamentos são coisas reais. Hoje em dia, aceitamos a existência de muitas coisas que não podemos perceber diretamente sem a ajuda de instrumentos. E, partindo do princípio teosófico de que tudo o que existe, tudo o que se manifesta, é consciência, isso está de acordo com a expectativa de que os pensamentos são seres vivos.

Como outros seres vivos, os pensamentos nascem, têm um certo caráter, podem crescer em força e morrer novamente. Os pensamentos sempre existem em relação a uma faculdade de pensar, por exemplo, a de um ser humano, a consciência pensante humana. Ela atua como transmissora e receptora. Quando você pensa um pensamento, envia um impulso de pensamento que outra pessoa, desde que esteja na mesma 'frequência de pensamento', pode receber.

Isso permite que os pensamentos, como vírus ou bactérias, se espalhem. E assim como esses germes só podem se instalar em um ser humano se ele for suscetível a eles, ou seja, se

seu 'receptor' estiver sintonizado com eles, os pensamentos também só podem ser recebidos se a consciência humana fornecer o 'terreno' adequado para isso.

Um homem altruísta nunca será capaz de hospedar um pensamento que o instigue a enganar seu semelhante. E um vilão astuto nunca será capaz de hospedar um pensamento compassivo, a menos que, por causa de algum incidente, ele se concentre em uma parte mais nobre de sua consciência. De fato, a mudança de mente é sempre possível. Entretanto, isso não é fácil porque, como qualquer ser vivo, os pensamentos se manifestam ciclicamente. Uma vez que você tenha pensado um pensamento, ele volta para você ciclicamente. Ele renasce em você ciclicamente. Qualquer pessoa que estude atentamente sua própria vida de pensamentos concordará com isso.

Como a maioria das pessoas são pensadores difusos, em grande parte inconscientes, e não controlam ou controlam mal seu aparato de pensamento, certos pensamentos podem se espalhar por grandes grupos de pessoas na velocidade da luz. A mídia moderna (social) desempenha um papel importante nisso.

A luz astral

O homem não é um *criador* de pensamentos, pelo menos não no sentido de fazer algo a partir do nada. Todos os pensamentos já existem.

Não há nada de novo sob o sol. Todas as imagens de pensamento possíveis estão impressas no que é chamado de Luz Astral.

Para imaginar a Luz Astral, você deve perceber que o cosmos é muito mais do que podemos perceber, mesmo com os instrumentos científicos mais avançados. O cosmos, que contém sóis e planetas, como o nosso sol e a Terra, é composto de diferentes mundos ou esferas, que, por sua vez, são subdivididos em submundos e estes novamente em submundos, e assim por diante.

A Luz Astral é um mundo do reino mais baixo ou mais grosseiro, que está logo 'acima' do mundo percebido por nossos sentidos. A preposição 'acima' não deve ser tomada literalmente, pois todas as subáreas permeiam umas às outras. A Luz Astral pode ser imaginada como diferentes energias que envolvem e permeiam todo o mundo físico, as estrelas, os planetas e, sim, cada átomo. Compare-a com os campos eletromagnéticos que permeiam completamente uns aos outros. Por exemplo, o tráfego de rádio abrange uma faixa muito maior de todos os tipos de frequências, que passam umas pelas outras. Um receptor capta a frequência para a qual está sintonizado.

Há muitas camadas na Luz Astral. Há um mundo de sentimentos, um mundo de desejos, um mundo mental. E esses mundos também são divididos em todos os tipos de sub-áreas, diferentes em qualidade.

As regiões mais elevadas da Luz Astral são mais refinadas e nobres. Elas gradualmente se fundem com os mundos espirituais, que são compostos de *Ākāśa*. *Ākāśa* é descrito como a essência espiritual refinada e super-sensorial que permeia todo o espaço. As partes inferiores da Luz Astral, que estão próximas ao terreno, são poluídas por todos os tipos de excrescências mentais terrenas. Nosso mundo físico é a camada inferior, as borras ou resíduos do reino astral.

A Luz Astral é o local ou a área em que as imagens de pensamento são acumuladas e armazenadas. Portanto, é o repositório de todos os pensamentos que pensamos e que foram pensados no passado. Por isso, é chamada de galeria de imagens. Cada ato que praticamos e cada pensamento que pensamos tem sua origem ali e deixa uma impressão, da mesma forma que uma chapa fotográfica captura imagens. Como todas as nossas ações estão registradas nele, está intimamente relacionado ao karma, causa e efeito.⁽¹⁾

É a parte inferior do reino astral que pode explicar tantos mistérios físicos e psicológicos. Se nossos físicos e psicólogos a assumissem, poderiam fazer descobertas interessantes e dar passos mais largos em seu trabalho científico.

Como a Luz Astral é o repositório de tudo o que aconteceu, as ideias científicas, filosóficas ou religiosas de civilizações há tempos esquecidas podem ser recuperadas dela, se nos sintonizarmos na frequência certa. Assim, pode acontecer que duas pessoas que vivem em lugares diferentes, independentemente uma da outra, façam a mesma invenção. Entretanto, não se trata de uma invenção, mas de uma descoberta – você tira a capa – pois ela já existia, embora invisível para a maioria de nós. Afinal de contas, Colombo também não inventou a América!

A antena de nosso pensamento

Conforme mencionado, o reino astral consiste em muitas camadas, desde a mais grosseira até a espiritual. Portanto, a galeria de imagens astrais contém uma quantidade inimaginável de imagens para nós. No entanto, você não deve imaginá-la como um imenso e empoeirado armário de arquivos, pois há uma interação constante entre o reino astral e o nosso mundo visível.

Já expressamos que nossa faculdade de pensar pode ser concebida como um transmissor-receptor. Você também poderia comparar a sensibilidade do pensamento com a antena do transmissor-receptor. Concentramos nossa antena

em imagens mais elevadas das camadas superiores do astral ou nos deixamos influenciar pelas regiões próximas à Terra, onde residem todas as qualidades inferiores do pensamento? Quando direcionamos nossa antena para uma determinada imagem mental, estamos, na verdade, trazendo essa imagem para dentro de nós mesmos, exatamente como trazemos um filme que uma estação de televisão está transmitindo em nosso próprio aparelho de televisão. O filme que você quer assistir não é determinado pelos canais. Essa escolha cabe a nós.

Nossa própria galeria de imagens

Podemos levar essa comparação ainda mais longe: o próprio homem é uma galeria de imagens em miniatura, que, como a galeria cósmica de imagens, tem muitas camadas e subcamadas. Com nossa consciência, habitamos constantemente a região astral. Praticamente toda a nossa constituição faz parte dela, assim como um peixe faz parte do mar. Somos inundados por ondas emocionais, mentais e, com sorte, espirituais. Todos os nossos pensamentos chegam até nós por meio da Luz Astral.

Quando nossa mente entra em contato com uma imagem astral, ela causa uma impressão em nossa consciência. Ela faz uma cópia local, acrescentando uma 'imagem' à nossa galeria individual. Mas como somos transmissores e receptores, também transmitimos imediatamente essa imagem novamente, mas com a coloração que nós mesmos demos a ela. Outro ser humano pode levar essa imagem de pensamento de volta para si mesmo, incluindo o selo impresso nela. Isso pode, mas não precisa acontecer imediatamente. Pode acontecer somente depois de um ano ou, talvez, depois de vários séculos. Isso depende de quando outra pessoa se sintoniza com essa frequência.

Pode ser também que essa imagem da parte mental da Luz Astral seja atraente para muitos pensadores e se espalhe para milhões de pessoas em uma velocidade vertiginosa. Assim, grupos maiores de pessoas são influenciados por essas imagens mentais. Falamos então do *zeitgeist*.

É claro que ninguém está condenado a se sintonizar com nada. Mas como muitos são pensadores inconscientes e não apontam sua antena de pensamento para um ponto que escolhem conscientemente – a seletividade de sua antena não é maior – eles geralmente captam as imagens que estão 'em voga', ou seja, aquelas em que grandes grupos de pessoas se concentram. Muitas pessoas não são pensadores poderosos. Sua 'antena' é soprada em uma direção diferente por cada vento mental. As modas e as tendências geralmente se seguem com extrema rapidez.

Correntes de pensamento

No mundo astral, há todos os tipos de correntes de pensamento qualitativamente diferentes. Elas nem sempre são necessariamente boas ou ruins. Você poderia imaginar, por exemplo, uma corrente de pensamento de jogadores de xadrez. Todos os tipos de jogos de xadrez e movimentos táticos são contemplados, formando um fluxo de ideias que têm algo a ver com esse esporte do pensamento. Embora os jogadores de xadrez sejam conhecidos como pessoas calmas, emoções fortes e turbulências em seus pensamentos também podem ser reconhecidas. Essas emoções podem tornar esse fluxo instável e talvez até obscuro.

Assim como na atmosfera (física) da Terra há áreas de alta e baixa pressão, por meio das quais os ventos podem levar calor, frio, chuva ou seca de um lugar para outro, na Luz Astral você tem todos os tipos de correntes criadas por áreas mentais de alta e baixa pressão.

As *Cartas Mahātma* falam sobre essas correntes de pensamento. Em uma carta, um dos chelas (discípulos) do Mestre K.H. escreve a A.P. Sinnett que o próprio Mestre não pode escrever uma carta neste momento porque não quer se expor a uma corrente de pensamento de além de Himavat.⁽²⁾ Himavat significa literalmente ‘o nevado’. Refere-se ao Himalaia. Uma corrente de pensamento de além de Himavat é, portanto, uma quantidade de pensamentos mundanos, que interfeririam nas contemplações superespirituais nas quais o Mestre estava absorto naquele momento específico.

Também sabemos algo assim: você está ocupado com um livro metafísico ou com uma questão espiritual. Naquele momento, você não pode se preocupar com o vazamento na calha. Ou se vai participar de um workshop teosófico, pouco antes de começar, não é sensato concentrar seus pensamentos em uma discussão com seus colegas que saiu do controle. Na verdade, você está se fechando de um fluxo de pensamento e se concentrando em outro.

No entanto, muitas vezes não conseguimos fazer isso. Temos muito pouco controle sobre nosso pensamento. Os Mestres, por outro lado, podem se sintonizar de forma autoconsciente com qualquer corrente de pensamento de que precisem em um dado momento.

Em outra carta, Mahātma K.H. fala de uma corrente de pensamento do norte. O exemplo é bem-humorado e instrutivo. K.H. citou o poeta do século XIX, Tennyson, em uma carta, sem questionar a origem dessas linhas de poesia. Ele os havia retirado de Astral Light. Ele expressa que nunca se esquece do que viu uma vez. Ele pode escolher palavras da Luz Astral de um passado distante ou que só serão ditas no futuro.

Sinnett era um conhecedor da poesia de Tennyson, mas não conseguia encontrar as palavras em questão em lugar algum. Até que, anos mais tarde, ele encontrou um pequeno volume do trabalho do poeta, nunca incluído em suas Obras Coletadas, que continha o poema em questão. O Mestre o encontrou em uma corrente de pensamento do norte e, como expressava exatamente os pensamentos que queria comunicar a Sinnett, ele o usou, sem se deter para pensar na origem dessas palavras.⁽³⁾

Se você pensar mais sobre isso, também entenderá que para os Mestres não existe o conceito de plágio. Ninguém pode reivindicar a propriedade de um pensamento específico ou de suas palavras. Os pensamentos pertencem a todos nós, assim como o ar pertence a todos nós.



Conjunto de pensamentos

Os Mestres podem se concentrar conscientemente em um fluxo de pensamento, mas a maioria das pessoas ainda não é capaz de fazer isso, ou não o suficiente. Se você não consegue controlar seu pensamento, então é como um nadador em um mar de pensamentos. Às vezes, uma onda o domina, depois outra. Especialmente quando um grande número de pessoas coloca uma determinada onda em movimento, muitos podem ser afetados por ela. Às vezes, essa onda é extensa e tem um caráter duradouro. Isso é conhecido como o ‘espírito da época’ predominante, que chamamos de zeitgeist.

As pessoas geralmente vivem sob a suposição de que os pensamentos que têm vêm de seus próprios cérebros, mas, na maioria das vezes, são as ondas turbulentas do mar mental em que nadam que passam por suas faculdades de pensamento. E cada pensamento que captam e ao qual prestam atenção, eles dão energia extra e, assim, transmitem de volta amplificados e coloridos, tornando a onda ainda mais poderosa do que já era. Em outras palavras, essas são imagens poderosas na Luz Astral que deixam uma impressão na consciência pensante desses pensadores não

autoconscientes, que acreditam que eles mesmos inventaram ou criaram esses pensamentos.

Observação: isso não precisa acontecer. Primeiro, você deve perceber que está se movendo voluntariamente para uma determinada camada da Luz Astral. Isso nem sempre precisa ser ponderado, mas você está se abrindo para determinados pensamentos. Ninguém o está forçando a entrar em regiões poluídas por resíduos terrestres. Se não o fizer, você também não se abrirá para as impressões dessa área. Mas mesmo que o faça, é aconselhável perceber rapidamente sua natureza ilusória, para que você esqueça essas imagens com mais facilidade.

Para fazer uma comparação: se você nunca assiste a filmes de terror, não precisa temer que essas imagens permaneçam em sua consciência. Mas se, inesperadamente, você vir imagens de tais filmes, poderá usar sua faculdade crítica para apreciar as impressões e não deixar que elas o afetem. Mas o melhor, é claro, é não receber essas impressões de forma alguma.

Interpretação de imagens astrais

Acima, expressamos que a Luz Astral tem muitas camadas ou mundos qualitativamente diferentes. O pensador não autoconsciente não tem ideia de quais camadas ele habita com seu pensamento. Esses não precisam ser sempre reinos impuros. Um sonhador diurno pode estar completamente absorvido em uma determinada esfera mental onírica. No entanto, o pensamento não autoconsciente pode causar muitos problemas, pois se você pensar dessa forma, poderá facilmente ‘se perder’ nas partes inferiores e ilusórias da Luz Astral. E não há nada tão ilusório quanto as imagens astrais. Entretanto, podemos ver através da natureza ilusória da galeria de imagens. Poderíamos saber que essas imagens astrais são a ‘tábua de memória’ do homem animal, como H.P. Blavatsky a chama.⁽⁴⁾ Poderíamos também morar na ‘tábua de memória’ da parte mais elevada do reino astral, *Ākāśa*. Lá encontramos as imagens espirituais, que, é claro, têm uma característica totalmente diferente. *Ākāśa* é a essência espiritual transcendente que permeia todo o espaço. A Luz Astral é simplesmente seu resíduo.

Não é sem razão que Helena Blavatsky fala que *o homem animal* recebe impressões do astral, pois os animais também percebem essas imagens. É claro que a interpretação da percepção deles é totalmente diferente da dos humanos. Eles ainda não desenvolveram a capacidade de pensar e, portanto, não podem avaliar criticamente essas imagens ou discuti-las entre si. Eles reagem instintivamente ao que percebem.

Isso pode ser usado para explicar várias coisas no mundo animal. Por exemplo, descobriu-se que os animais já estavam deixando uma floresta horas antes do início de um incêndio. Eles devem ter recebido essa informação antes. De onde mais isso poderia vir senão da Luz Astral, que, afinal, também contém as impressões do passado que levam a eventos que ainda não ocorreram?

Todo amante de cães deve ter notado algo assim em um momento ou outro. No momento em que o dono pensa ‘Vou passear com meu cachorro’, embora ele ainda não dê nenhum sinal físico de que vai fazê-lo, o cão já começa a andar para frente e para trás sem descanso ou fica parado na porta. Os bebês também, nos quais o pensamento ainda não se estabeleceu, se é que se estabeleceu, são sensíveis a imagens astrais. Certa vez ouvimos a história de uma mãe que saiu para passear com seu bebê no carrinho. Toda vez que ela chegava a um determinado lugar, o bebê começava a chorar, para surpresa da mãe. Até que ela descobriu que, naquele local, havia um matadouro. A matança de milhares de animais, que obviamente é uma situação extremamente triste, deixou uma profunda impressão na parte inferior da Luz Astral, fazendo com que o bebê sensível chorasse toda vez que ela chegava àquele lugar.

O clima poluído do pensamento

Esse último incidente mostra claramente como o clima de pensamento pode agir sobre nós. Pode ser conflitante dizer isso, mas muitos de nós somos como aquele bebê que, sem saber ou entender, recebe impressões da Luz Astral e reage a elas. Em geral, não reagimos como esse bebê, chorando, mas permitindo que essas imagens de pensamento entrem em nossa mente e as encaixem em nossa própria mentalidade – nossa galeria individual de imagens – supondo que sejam nossos próprios pensamentos. É essa miríade de pensamentos de qualidade humano-animal que consideramos importante. E como transmitimos os pensamentos que reunimos, ajudamos a garantir que o clima de pensamento seja permeado por esses pensamentos humano-animais.

A ânsia pelo luxo, a busca egoísta pela satisfação de todos os desejos pessoais, a agressão e o desprezo pelos outros, a ideia de que precisamos nos armar mais e melhor – são esses tipos de pensamentos, em milhares de variações diferentes, que são sugados pelos poderes do pensamento. Nem a filosofia materialista que afirma que só se vive uma vez, nem a doutrina cristã de que podemos entrar no céu após a morte, podem oferecer um contrapeso protetor a essas ondas de lama poluídas pelo egoísmo. Pelo contrário, elas apenas reforçam esse tipo de pensamento.

O clima de pensamento está poluído porque o significado e o propósito essenciais da vida se perderam para muitos. Os filósofos não podem oferecer esperança e perspectiva. As religiões perderam grande parte de sua influência e, se ainda há alguma influência, geralmente é negativa. Na falta de uma filosofia de vida que satisfaça o coração e a cabeça, há pouca ou nenhuma base para a ética. É o egoísmo que governa o poleiro.

Os países se concentram em seus interesses nacionais. A violência e a política de poder são vistas como normais, até mesmo inevitáveis e necessárias. Todos esses tipos de pensamentos poluem as regiões inferiores da Luz Astral e, portanto, influenciam os outros. Parece ser um círculo vicioso.

Mudança do clima de pensamento

Entretanto, não é assim. Pelo menos não precisa ser. O homem tem livre-arbítrio. E embora você possa restringir esse livre-arbítrio fazendo escolhas sempre em uma determinada direção, sempre há a possibilidade de mudar de rumo. Nós, humanos, criamos a atmosfera do pensamento e, portanto, podemos mudar essa atmosfera. Assim como um pintor pode pintar sobre um quadro, podemos mudar a atmosfera do pensamento. Cada pincelada é uma; cada pensamento dá uma determinada tonalidade.

É essencial saber disso, caso contrário, teríamos a ilusão de que as coisas sempre permanecerão como estão agora. Isso alimenta o pessimismo, a passividade e a indiferença em relação ao estado do mundo. Quem vai tentar mudar a si mesmo e ao mundo se achar que isso não tem chance de sucesso? Talvez o ensinamento mais importante da Teosofia seja que todo ser – inclusive todo ser humano – é essencialmente divino. Em nossa consciência estão todas as faculdades pelas quais podemos mudar a nós mesmos e ao mundo. E

embora essa seja, sem dúvida, uma tarefa difícil e árdua, qualquer esforço sincero produzirá frutos, mesmo que não vejamos resultados imediatos.

Esse conhecimento nos torna conscientes de nossa responsabilidade pelo clima de pensamento. Não devemos nos esconder atrás do fato de que muitos cidadãos do mundo colocam a si mesmos e a seu país em primeiro lugar, o que obviamente prejudica todos os outros. A humanidade constitui uma unidade. Todo ser humano faz parte dessa unidade. Qualquer pensamento impessoal mudará o clima de pensamento, obviamente em uma extensão limitada. O único instrumento para mudar o clima de pensamento é o nosso próprio pensamento.

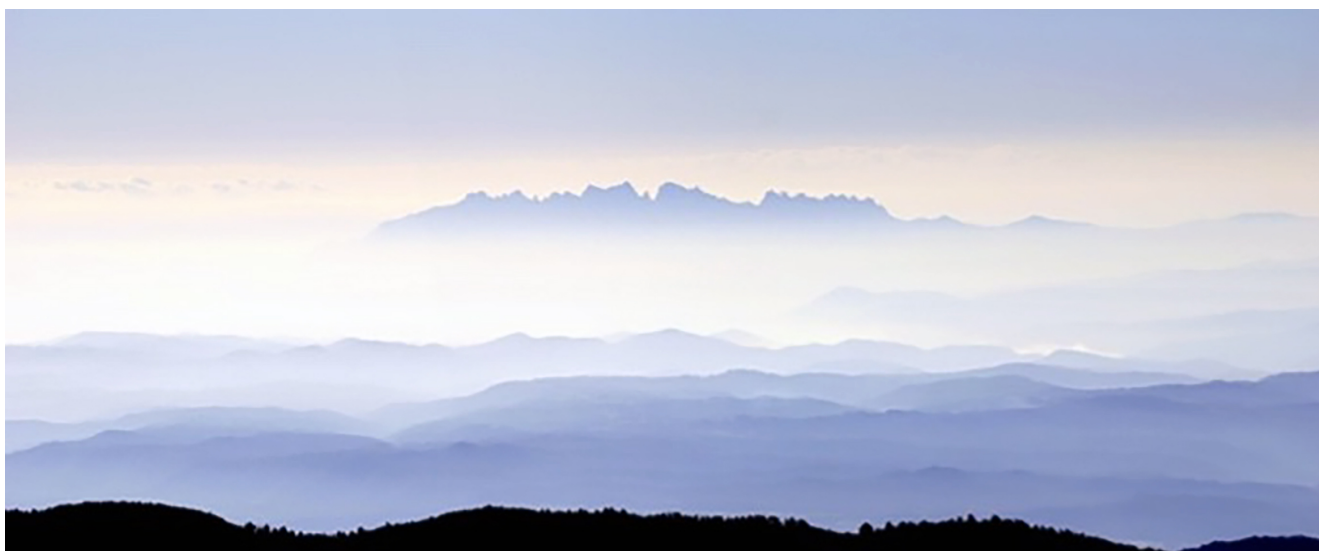
Não o mudamos reclamando dele, criticando-o ou lutando contra ele. Isso é energia desperdiçada. Ao fazer isso, você apenas reforça as ideias egoístas do pensamento. Lutar contra as ideias é alimento para essas ideias, pois mesmo com atenção negativa você alimenta os pensamentos.

É melhor ser um modelo de compaixão, bondade e calma. Se não permitir que nada o perturbe em seu ideal impessoal, você contribuirá mais para um clima de pensamento enobecedor do que imagina.

Mas essa influência será ainda maior se você fizer isso coletivamente.

Núcleo da Fraternidade Universal

A bondade busca a bondade. Se alguém desenvolver uma mentalidade como a descrita acima, não poderá deixar de entrar em contato com pessoas que tenham uma atitude semelhante em relação à vida. Então, é necessário deixar para trás o lado pessoal aos outros; antes de tudo, em espírito. Um pequeno grupo de pessoas altamente motivadas pode realizar muito.



Alguns de nós já tiveram a experiência de visitar uma família, ou de entrar em um novo departamento no trabalho, ou de se juntar a qualquer grupo de pessoas, e imediatamente sentir uma atmosfera benevolente. 'Foi como entrar em um banho quente, me senti muito bem', expressam. Muitas vezes, elas nem sabem o que as faz sentir isso. Não precisa ser por causa da decoração da casa. Esse mesmo sentimento pode surgir mesmo em um ambiente ruim.

O que é, então?

É a atmosfera de pensamento que esse grupo de pessoas exala. Como resultado, você se sente imediatamente em casa. Mais importante ainda, você se concentra quase automaticamente em aspectos mais nobres de sua própria consciência que correspondem a essa atmosfera. Certos traços pessoais e antipáticos, que às vezes ainda aparecem, são irradiados por ideias impessoais que evocam essa atmosfera. No início do século XX, a sede da Sociedade Teosófica estava localizada em Point Loma, Califórnia. Centenas de adultos e crianças moravam lá. E a atmosfera era tal que os visitantes que iam até lá não apenas a sentiam, mas eram inspirados por ela. Para citar apenas um exemplo, o escritor Talbot Mundy escreveu muitos romances, mas seu melhor livro foi escrito quando ele ficou em Point Loma.⁽⁵⁾

Agora, a influência que um grupo unido de pessoas benevolentes exerce sobre o clima de pensamento não é prejudicada pelo local físico onde elas se encontram. As imagens do reino astral podem ser alcançadas de qualquer lugar da Terra. Esses membros do núcleo da Fraternidade Universal também não precisam pertencer ao mesmo clube ou morar na mesma cidade. Eles se encontram em seus pensamentos.

Um grupo tão pequeno de pessoas altruístas, motivadas a enobrecer o clima de pensamento, é capaz de fazer mais do que um grupo maior de pessoas mais ou menos motivadas, nas quais o elemento pessoal ainda desempenha um papel importante. Sua influência será ainda maior se puderem mostrar com argumentos e exemplos a natureza espiritual do cosmos e do homem como filho do cosmos. Na Teosofia, encontramos ensinamentos que proporcionam paz ao coração, à cabeça e ao estado de espírito.

É por essa razão que os professores de Teosofia nunca se preocuparam com a quantidade de seus alunos, mas com a qualidade. E por 'qualidade' certamente não queremos dizer se eles entendiam bem os ensinamentos 'técnicos' da Teosofia, às vezes difíceis, mas se aplicavam suas conclusões éticas na vida.

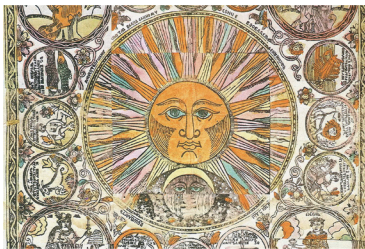
Algumas poucas pessoas impessoais, dispostas a arregaçar as mangas, podem cobrir o clima de pensamento do mundo

inteiro. São alguns grãos de sal que podem mudar o sabor da sopa. Ou, como disse William Q. Judge:

Se tivéssemos quinhentos membros na Sociedade amando uns aos outros com um coração verdadeiro, sem criticar nem condenar, e todos empenhados em um único objetivo com uma única crença, poderíamos varrer o mundo inteiro com nossos pensamentos.⁽⁶⁾

Referências

1. Para obter mais informações sobre a Luz Astral, consulte, entre outros:
 - W.Q. Judge, *Echoes of the Orient (Ecos do Oriente). Volume II*. Compilado por Dara Eklund. Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 2009. Pergunta 253, p. 330. (Fonte: <https://www.theosociety.org/pasadena/wqj-echoes/EchoesOrient2-WQJ.pdf>). Edição anterior: San Diego, Califórnia, Point Loma Publications, 1980, p. 314.
 - W.Q. Judge, 'Echoes from the Orient. A broad outline of theosophical doctrines', ['Um amplo esboço das doutrinas teosóficas.'] Em: W.Q. Judge, *Echoes of the Orient (Ecos do Oriente). Volume III*. Compilado por Dara Eklund. Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 2010, p. 46-47. (Fonte: <https://www.theosociety.org/pasadena/wqj-echoes/EchoesOrient3-WQJ.pdf>). Edição anterior: San Diego, Califórnia, Point Loma Publications, 1987, p. 45-46.
 - G. de Purucker, *Occult Glossary*. 1ª edição. Point Loma, Theosophical University Press, 1933. Lema 'Luz Astral'. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>).
 - G. de Purucker, *The Esoteric Tradition. Volume II*. [A Tradição Esotérica.] Volume II 2ª edição. Point Loma, Califórnia, Theosophical University Press, 1940, p. 1012-1016. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>).
2. M. (Mahatma) e K.H. (Mahatma), *The Mahatma letters to A.P. Sinnett*. [Cartas do Mahatma para A.P. Sinnett]. Transcritas e compiladas por A.T. Barker. Londres, T. Fisher Unwin, 1923. Carta 37, p. 248-249. (Fonte: https://www.theosophy.world/sites/default/files/ebooks/mahatma_letters_to_a_p_sinnett.pdf). Edição cronológica, organizada e editada por Vicente Hao Chin, Jr. Quezon City, Metro Manila, Filipinas, 1993. Carta 37, p. 105.
3. Ver ref. 2. Cartas 9, p. 51 e carta 49, p. 286; em sequência cronológica: cartas 18, p. 69, e carta 20, p. 75.
4. H.P. Blavatsky, 'Dreams' (Sonhos). Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings (Escritos Coletados). Volume X*. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1988, p. 251.
5. Talbot Mundy, *OM - The Secret of the Abhor Valley [OMO Segredo do Vale de Abhor]*. Nova York, Crown Publishers, 1924.
6. W.Q. Judge, 'Discurso de encerramento do presidente'. Em: *Echoes of the Orient (Ecos do Oriente). Volume III*. Compilado por Dara Eklund. San Diego, Califórnia, Point Loma Publications, 1987, p. 102. Edição mais recente: Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 2022, p. 103. (Fonte: <https://www.theosociety.org/pasadena/wqj-echoes/EchoesOrient3-WQJ.pdf>).



Astrologia: os principais atores cósmicos

Parte 2 da série sobre astrologia

Este é o segundo artigo de uma série sobre o *fundamento* da astrologia. Neste artigo, apresentamos uma descrição dos atores-chave astrológicos, vistos a partir da ideia básica da Teosofia: Unidade. Isso significa que cada ser é uma expressão, um reflexo de um Princípio Sem Limites da Vida.

Pensamentos-chave

» Todo ser é um filho do Kosmos e, portanto, contém em si todas as potencialidades e características do Kosmos e as desenvolveu até um determinado nível. As forças cósmicas podem ser distinguidas em doze características diferentes.

» Nós, humanos, vivemos e evoluímos dentro do campo de força de vários seres cósmicos. Somos atraídos para a esfera deles porque *ali* encontramos as possibilidades de evolução adequadas ao nosso caráter.

» Os principais atores astrológicos importantes são: o zodíaco celestial, o ser solar, os doze planetas sagrados e o ser planetário Terra. Cada ser tem seu próprio zodíaco.

O ‘porquê’ das influências cósmicas

Neste artigo, nos baseamos no primeiro artigo desta série, que apareceu na edição anterior de *Lúcifer – o Portador da Luz*.⁽¹⁾ Nesse primeiro artigo, explicamos o que é astrologia e fizemos uma distinção nítida entre a astrologia esotérica original e a astrologia comumente conhecida hoje em dia. Também abordamos a relação entre a astrologia e a astronomia e delineamos em termos muito amplos o ‘como’ e o ‘porquê’ das influências astrológicas.

Esboçamos um quadro geral nesse primeiro artigo. Você pode dar às elaborações mais detalhadas fornecidas neste e nos próximos artigos seu devido lugar dentro desse quadro geral.

Como lembrete, vamos abordar brevemente as ideias básicas desse quadro geral. Para começar: existe um princípio de Vida una e ilimitada, um Oceano de Ser ilimitado. Ele é a Unidade essencial de tudo o que existe. (Veja a primeira proposição fundamental de *A Doutrina Secreta*, que

você pode ler na capa interna desta edição). Essa Unidade se expressa em uma enorme diversidade de seres vivos. Todos esses seres só podem existir graças a essa Unidade e, portanto, graças uns aos outros. Por essa razão, o Kosmos pode ser visto como um grande organismo vivo.

Mais ainda: todos os seres, como partes da unidade, estão indissolivelmente *conectados*, de modo que qualquer ação de qualquer ser afeta logicamente toda a unidade. O corolário é que todos os seres estão em constante interação uns com os outros – mais ou menos intensa.

Também mencionamos o caráter único de cada ser. Isso explica por que, digamos, Júpiter emana outra influência que Mercúrio. Lembre-se de que os planetas são seres vivos. E, o que é muito importante para nós, seres humanos: que apenas as forças cósmicas agem sobre nós (nos afetam) que têm características semelhantes às de *nossa* consciência. Em resumo, depende de nós mesmos – das características específicas que desenvolvemos – a

intensidade com que uma influência nos afeta: muito, pouco ou quase nada. Além disso, observamos que nós, humanos, temos fundamentalmente o livre-arbítrio, dentro das capacidades que desenvolvemos como seres conscientes. ‘As estrelas se inclinam, mas não se obrigam’, é uma expressão antiga e verdadeira. A escolha é sempre nossa: tentamos controlar essas influências cósmicas ou não? Tentamos usá-las para o benefício de nossos semelhantes ou não? Essa é uma questão muito importante para todos nós. Por fim, abordamos a questão: qual é a utilidade que a astrologia tem ou *poderia* ter?

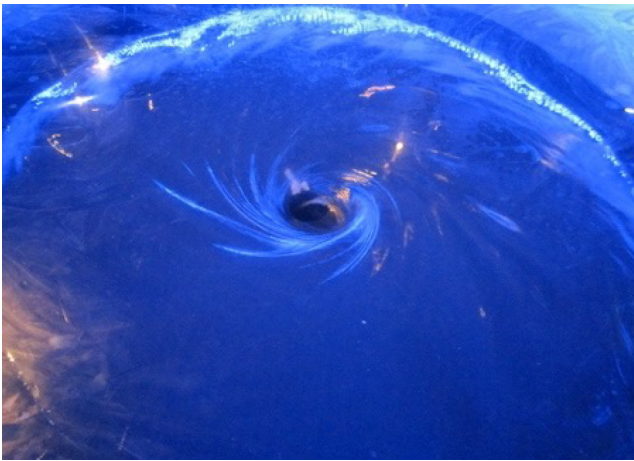
O lugar deste artigo na série de artigos

Este artigo é sobre os diferentes seres cósmicos dentro da estrutura ordenada do kosmos, que exercem as influências mais poderosas sobre o nosso planeta Terra e todos os seus habitantes: os ‘atores-chave astrológicos’ *para nós*.

O que queremos dizer quando chamamos os planetas e as estrelas de ‘seres vivos’? Quanto mais você entender isso, mais entenderá esses atores-chave em si: o zodíaco celeste, nosso sistema solar com seu Sol e seus planetas.

Nos próximos artigos, abordaremos as seguintes questões, entre outras:

- O que *são* influências cósmicas e por que experimentamos mudanças periódicas nelas?
- Qual é a explicação para os horóscopos?
- Que lições éticas valiosas podemos extrair da astrologia?



Cada entidade é como um vórtice no oceano ilimitado da vida.

O que é ‘um ser’?

Já expressamos: todos os seres fluem de um Princípio Sem Limites de Vida. Essa é a primeira proposição fundamental da Teosofia. Nela repousam todos os insights da Teosofia. Por maiores que sejam as diferenças externas, o núcleo ou

coração de cada ser é um Princípio Sem Limites eterno. Portanto, somos todos partes de uma unidade que não conhece linhas divisórias ou fronteiras. Não podemos nos afastar dessa unidade! Afinal de contas, não podemos sair de nós mesmos. Quaisquer que sejam as viagens espaciais que possamos empreender, sempre nos levamos conosco. Então, o que é um ‘ser’, uma ‘entidade’? O que somos nós mesmos? Somos, expressos em linguagem simbólica, uma centelha do ‘fogo sem limites’ ou, quando usamos outro símbolo, um vórtice em um imensurável oceano de vida. O que queremos dizer com isso é que cada ser é uma ‘contração’, uma ‘concentração’ ou ‘condensação’ dessas infinitas potências fundamentais. Portanto, cada ser contém em si *todas as possibilidades que a Vida uma contém em si mesma*. Afinal de contas, uma faísca não é essencialmente diferente do fogo, e uma gota de água não é diferente do oceano.

E mais: isso implica que somos o Todo e, portanto, estamos conectados a todos os outros seres. Não podemos existir separados do Todo. Nenhum ser está sozinho, separado dos outros. Devido a essa unidade, todos os seres vivos interagem uns com os outros. Essa resposta constante a outros seres e o fato de ser objeto da resposta de outros seres é a característica básica de toda a vida.⁽²⁾

Claramente, um ser é muito mais do que seu corpo externo. Os corpos nascem e morrem, e depois são reconstruídos no próximo ciclo de vida. Ao passo que todo ser é atemporal em sua essência. Ele sempre esteve lá e sempre estará lá. Seu núcleo verdadeiro e permanente é a força que atua em todo o seu ser e, portanto, também em seu corpo. Então, o que somos nós, seres humanos? *Somos* centros de vida, consciência e inteligência – e periodicamente *temos* um corpo para trabalhar durante nossas incorporações. E, a cada vez, construímos esse corpo a partir de seres menos evoluídos, com os quais entramos em colaboração: desde nossos pensamentos até os seres atômicos de nosso corpo. O mesmo acontece com os planetas e as estrelas que vemos no firmamento: como em cima, assim embaixo. Eles são consciências celestiais envoltas em um corpo celestial. E só podemos entender algo sobre um planeta ou estrela se soubermos algo sobre o tipo de consciência que ele tem.

Todo ser desenvolve suas potencialidades inerentes

Essas reflexões levam a algumas conclusões claras. Uma delas é: todos nós carregamos potencialidades ilimitadas dentro de nós, como filhos da ‘Ilimitabilidade’. Nós as desenvolvemos gradualmente, vida após vida. Os mundos em

que vivemos, os seres com os quais interagimos (incluindo os planetas, o Sol e o zodíaco!), nos dão os estímulos por meio dos quais podemos despertar nossas faculdades ainda adormecidas e, finalmente, aprender a usá-las. Todos esses estímulos nos dão *a oportunidade* de nos tornarmos mais sábios. Depende de nossas escolhas se aproveitamos essas oportunidades, se aprendemos com o que está acontecendo ao nosso redor e conosco. Nós mesmos determinamos a rapidez com que aprendemos.

Será que esse caminho de expansão da consciência termina algum dia? Não, isso decorre logicamente de tudo o que expressamos. E isso explica o fato de que os seres no kosmos existem em estágios de desenvolvimento muito diferentes. Basta comparar a consciência não autoconsciente, instintiva e dócil de um átomo ou molécula química com a consciência de um ser humano – que agora está desenvolvendo sua faculdade de pensar com todas as responsabilidades que isso implica – e comparar nosso alcance de consciência com o de um buddha cósmico, que é ainda mais sábio e responsável do que o ser humano mais nobre que podemos imaginar: um ‘buddha’ humano. De fato, a consciência de um ser planetário, solar e galáctico é inimaginável para nós. Como já é difícil para nós imaginar o alcance da consciência de um buddha humano. Um ser solar é ainda mais universal e vasto em termos de consciência.



A árvore da vida.

E ainda assim... por mais avançados que sejam, podemos desenvolver seu nível de consciência também! Esse é um pensamento inspirador. Todo ser humano carrega dentro de si a capacidade de se transformar em um ser planetário e depois em um ser solar e ainda mais.

Os ciclos de vida também são diferentes nos seres cósmicos. Seus períodos de incorporações duram muito mais do que os nossos. Por exemplo, uma vida externa de um ser planetário dura vários bilhões de anos humanos. Só então começa sua morte, seu período de descanso periódico. A vida interna de um ser solar dura muito mais tempo ainda. De acordo com os antigos escritos indianos, essa última envolve um número de anos expresso em um número de quinze dígitos.

Qual é a estrutura do Kosmos?

Os principais atores são partes integrantes da estrutura muito ordenada do kosmos. Isso levanta a questão: como, então, o kosmos é construído? Ele é construído como qualquer outro ser dentro do kosmos, ou seja, *hierarquicamente*. Para dar um exemplo, a entidade Via Láctea irradia uma esfera de influência (chamada de ‘emanação’), na qual inúmeras estrelas e planetas da Via Láctea podem viver suas vidas. Cada estrela faz o mesmo e, dentro de sua esfera, um grande número de planetas encontra o local adequado para sua evolução. Cada planeta, por sua vez, por meio da emanação, cria o ‘ambiente’, a ‘esfera da vida’, para um grande número de seres minerais, vegetais, animais, humanos e divinos. E assim por diante, pois cada um desses seres faz a mesma coisa em miniatura: basta pensar nos seres órgãos e seres células que, dentro de nossa esfera de influência, constroem nossos corpos físicos.

Em outras palavras, cada ser é uma parte, um órgão vivo de um ser maior, e seu corpo é composto de seres menos desenvolvidos. Aqui se aplica o velho ditado: *como em cima, assim embaixo*. A estrutura hierárquica do kosmos também é representada como uma ‘árvore da vida’. A fonte são suas raízes. Portanto, essa árvore da vida é frequentemente representada de cabeça para baixo, enraizada no kosmos sem limites. Dela surge um tronco, que dá origem a muitos galhos grossos, cada um dos quais dá origem a muitos galhos pequenos, e assim por diante, até os galhos e as folhas. É uma imagem para se contemplar longamente. Os seres mais avançados precisam dos menos avançados, e vice-versa. O alto e o baixo, o baixo e o alto, trabalham juntos, permitindo que todos se desenvolvam. O alto e o baixo são relativos. Em comparação com alguns seres, somos, em termos de consciência, ‘altos’; em comparação com outros, ao contrário, ‘baixos’. Tudo apoia tudo, ou melhor, deveria, porque, como expressamos anteriormente, existe o livre arbítrio. Também podemos perder de vista o fato da fraternidade universal, se nos concentrarmos em nossos próprios desejos.

Todos os seres são fundamentalmente construídos da mesma forma

Outra conclusão que podemos tirar do fato de que todo ser emerge de uma ‘unidade que contém tudo’ é que todo ser possui as mesmas faculdades cósmicas e ‘níveis de consciência’. Como acima, assim abaixo. Entretanto, o grau de *desenvolvimento* dessas mesmas faculdades pode, é claro, variar imensamente.

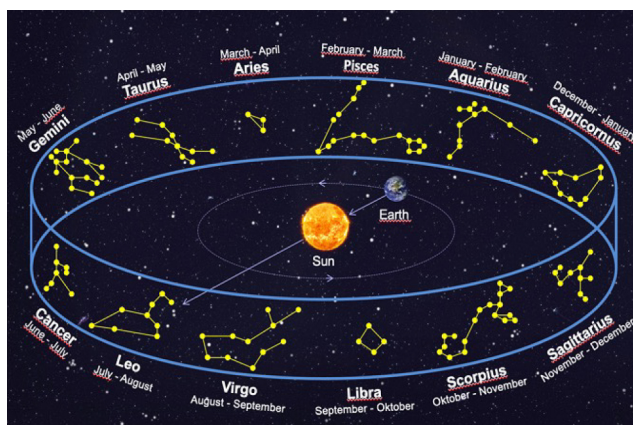
Agora, quais são esses aspectos ou faculdades inerentes à consciência de cada ser? É uma gama (‘escada’) de níveis de consciência que vão *desde o relativamente mais divino até o relativamente mais físico*, ou seja, até nossas faculdades físicas como a parte mais material. Em suma, do mais espiritual *para nós*, ao longo de vários degraus intermediários de natureza etérica decrescente, até o mais material *para nós*. É uma hierarquia ‘no escopo da consciência’. O divino em nós tem o maior alcance de consciência, enquanto o físico tem o alcance mais restrito e material.

Portanto, cada ser, quer estejamos falando de uma estrela ou de um vaga-lume, de uma árvore ou de uma alga, é construído de forma análoga, de acordo com os pensamentos acima. Isso leva à conclusão de que, *em princípio*, a troca (comunicação, influência mútua) é possível entre *todos os seres*. Na prática, é claro, sempre há limitações, porque cada ser é um ser limitado e em crescimento. Ele tem seu próprio caráter, com uma ‘antena’ limitada e um ‘alcance de transmissão’ limitado.

Os aspectos da consciência

Quantos desses aspectos da consciência existem? Podemos dar uma imagem tripla simples expressando que todo ser é ‘espírito-alma-corpo’. Você também pode refinar a imagem, fazendo distinções mais precisas: então você fala, por exemplo, de quatro, cinco, sete ou até doze níveis de consciência dentro de um ser. Neste artigo, usamos a divisão de doze níveis, porque ela corresponde ao zodíaco de doze níveis, às doze características cósmicas fundamentais. Mas a classificação sétupla também é usada com muita frequência na literatura teosófica.

Esses aspectos ou características não devem ser vistos como coisas separadas, mas são como as facetas de *uma* pedra preciosa: a Vida una subjacente que se expressa na diversidade. Nossa consciência está constantemente irradiando forças. Como carregamos doze aspectos de consciência dentro de nós, portanto, emitimos forças de todos os doze tipos. Mas apenas uma delas predomina em nós: essa é a tônica de nosso caráter autocriado. Voltaremos a esse assunto quando discutirmos os diferentes zodíacos.



Zodíaco celestial (denominações dos meses em inglês).

O zodíaco celestial

Com as percepções mencionadas acima, podemos chegar a uma compreensão mais profunda do zodíaco celeste, do Sol, dos planetas e de nós mesmos, e da intensa colaboração entre todos eles. Começamos com os seres mais cósmicos: o zodíaco celestial. O que queremos dizer com isso?

Gottfried de Purucker descreve o zodíaco celeste da seguinte forma:⁽³⁾ Ele consiste em doze grupos de estrelas localizadas ao redor de nosso Sistema Solar, aproximadamente no mesmo plano em que todos os planetas se movem ao redor do Sol (o plano da ‘eclíptica’). Cada grupo é composto de estrelas que cooperam estreitamente, ou seja, *seres solares*. Esses doze grupos de estrelas formam uma espécie de faixa ou círculo ao redor do sistema solar. ‘Zodíaco’ é um nome grego e significa ‘círculo de seres’. Cada grupo é conhecido como um ‘signo’ ou ‘constelação’. Eles são geralmente conhecidos como: Áries, Touro e assim por diante. Nós as chamaremos de constelações aqui, uma palavra que vem do latim e significa ‘coleção ou associação de estrelas’. O termo ‘signo’ será reservado para o zodíaco terrestre (veja abaixo). Nosso Sol e todos os outros seres do sistema solar estabeleceram uma relação estreita com essas doze constelações ao longo do tempo. Quando nosso ser solar nasceu, ele foi atraído para esse local dentro da Via Láctea, exatamente dentro desse círculo de estrelas.

Cada uma das estrelas individuais do zodíaco, é claro, tem seu próprio caráter individual. Mas cada *grupo* de seres estelares também tem um caráter específico. Todos nós reconhecemos isso: que em uma família há uma atmosfera diferente da de outra. Ou, em outro exemplo, uma escola tem uma característica diferente da outra. Esse princípio também se aplica a cada constelação do zodíaco. Cada grupo tem sua própria característica dominante, ou seja, uma das doze características cósmicas. *Juntos, eles representam*

todas as doze características cósmicas. E eles emitem essas forças características continuamente.

E como cada constelação funciona como um ponto focal que transforma uma das doze influências cósmicas em nosso sistema solar, elas são o elo necessário entre nós e o restante do kosmos.

De fato, não existem doze, mas apenas seis forças cósmicas diferentes. Mas cada uma dessas forças é bipolar: um polo espiritual mais elevado e um polo material mais baixo. Cada uma tem um 'lado positivo e um lado negativo', por assim dizer (não estamos nos referindo a um julgamento positivo ou negativo!). E isso, como um todo, resulta em doze focos diferentes.

Os nomes do zodíaco

Os nomes dessas constelações dependem da cultura. Em épocas anteriores, portanto, elas tinham nomes diferentes. Cada nome tem um significado simbólico, destinado a dar uma dica sobre sua própria característica. Vamos dar dois exemplos do zodíaco ocidental. Por exemplo, Libra representa uma característica que tende à harmonia, e Áries representa uma característica que tende à ação, a experimentar e iniciar coisas. Portanto, esses nomes não foram dados porque os grupos de estrelas em questão se assemelhavam muito a uma balança ou a um carneiro. Na verdade, falando honestamente, é difícil reconhecer neles a forma de uma balança ou de um carneiro, a menos que você comece a acrescentar todos os tipos de elementos em sua imaginação.

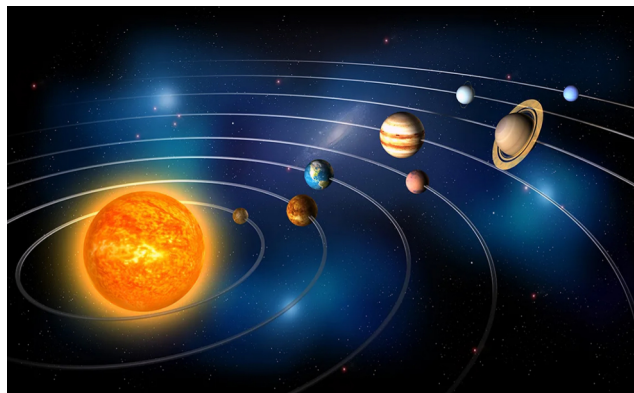
Qual é a idade dos nomes das doze constelações? A maioria deles tem muitos milhares de anos. Encontramos alguns nomes já na Índia antiga, na Babilônia e no Egito antigo. Mas, como mencionado, também existem diferenças culturais; afinal, não há íbis em todos os países para servir de exemplo. Na Índia antiga, a constelação de Capricórnio era chamada de 'Makara', um tipo de crocodilo, uma espécie de criatura anfíbia. As culturas chinesas antigas escolheram imagens e nomes totalmente diferentes.⁽⁴⁾

Qual é a função do zodíaco celestial?

Todo o nosso sistema solar evolui *dentro das* doze esferas zodiacais de influência, conforme mencionado acima. Que função o zodíaco celeste desempenha durante a evolução do sistema solar? Sua influência é muito grande.⁽⁵⁾ De fato, todo o curso evolutivo do nosso sistema solar, no *que diz respeito aos seus principais padrões e processos*, está estabelecido no zodíaco. Os ciclos de crescimento do Sistema Solar se alinham com os do zodíaco celestial. E como os ciclos de

crescimento do planeta Terra se alinham com os do Sol, eles naturalmente também se alinham com os do zodíaco. De fato, foi-nos dito que somente iniciados muito elevados podem realmente entender esses processos cósmicos.⁽⁶⁾

Em resumo, o zodíaco consiste em doze grupos de estrelas que podem ser vistas como pontos focais de forças, representando as doze características básicas da vida cósmica. Elas transformam as forças cósmicas no campo de consciência do nosso sistema solar. Dos 'atores-chave' que estamos discutindo agora, eles são os mais cósmicos.



Cada ser cria seu próprio zodíaco

Vamos agora dar um passo adiante. O que é pouco conhecido, mas de grande importância se você quiser entender a interação entre os seres cósmicos, é *que cada ser cria seu próprio zodíaco*. O que isso implica?

Podemos pintar este quadro geral.⁽⁷⁾ Cada ser carrega em si todas as características da Vida e também as irradia – coloridas e limitadas por seu próprio caráter. Pois bem: a interação entre essa radiância própria de doze características e as doze emanções das constelações faz com que cada entidade forme um cinturão ou círculo semelhante de doze focos, *dentro de* sua própria esfera de influência, portanto, em miniatura. O zodíaco celestial se reflete na microesfera dessa entidade porque, por exemplo, o aspecto de Áries da entidade se mistura com a influência de Áries do zodíaco celestial. Assim, forma-se um ponto de acoplamento. E o mesmo acontece com todas as outras onze características.

Você poderia comparar isso de alguma forma com a seguinte situação concreta. Em uma mesa redonda há doze copos dispostos em um círculo. Cada copo tem seu próprio formato e, portanto, uma frequência vibracional única. Se um instrumento musical próximo emitir um tom forte, sempre um desses copos começará a ressoar fortemente, enquanto os outros o farão apenas um pouco (lembre-se de que tudo faz parte do Ilimitado e, portanto, tem todas as características latentes em seu interior). Portanto,

para cada um dos doze tipos de influência há um transformador específico.

Em resumo, o ser solar tem seu próprio zodíaco, cada planeta – e, portanto, nosso planeta também – tem seu próprio zodíaco e nós, como seres humanos, temos nosso próprio zodíaco.

Assim como o zodíaco celestial, os ‘zodíacos próprios’ consistem em um cinturão de focos dentro da esfera da própria entidade. Assim, cada um dos doze focos ocupa uma décima segunda parte do círculo. Como o zodíaco da Terra pertence à própria Terra, é uma parte dela, esse cinturão ‘viaja com ela’ durante sua órbita ao redor do Sol. Na astrologia ocidental habitual, quando alguém expressa ‘meu signo do zodíaco é Áries’, está se referindo a esse zodíaco terrestre, não ao celestial. Isso significa que, na época de seu nascimento, o Sol estava no signo de Áries do zodíaco terrestre. Esse período sempre começa em 21 de março e vai até 21 de abril. Essas datas não mudam, enquanto o zodíaco celestial muda lentamente no calendário, com o tempo. Explicaremos isso em um próximo artigo da série.

O ser solar

O próximo ‘ator-chave’ que discutiremos é o ser solar, o ser que trabalha por trás e através do globo solar que vemos. Esse é o ser-guia de nosso sistema solar e cumpre, em todos os aspectos, o papel central em todo o seu funcionamento. O sistema solar pode ser visto como um grande organismo vivo que flui de seu ser superior, o ser Solar. O ser Solar trabalha por meio de seu próprio sistema solar emanado, assim como nós, seres humanos, trabalhamos por meio de nossos corpos. Portanto, cada entidade dentro do sistema solar colabora intensamente com o ser Solar, assim como todos os seres celulares e atômicos do nosso corpo colaboram com a nossa consciência humana.

Expressamos que o ser Solar é o ser mais altamente evoluído dentro desse sistema, o *núcleo* da cooperação. Mas ‘mais elevado’ é um termo relativo: o ser Solar está subordinado a seres ainda mais universais, incluindo a entidade da Via Láctea.

A esfera de influência do Sol é formada pelas doze forças que fluem do núcleo da consciência solar. Sua esfera de influência abrange todo o nosso sistema solar, e com isso queremos dizer não apenas o mundo ou esfera fisicamente visível, com seus corpos celestes visíveis, mas também todos os planos mais internos do nosso sistema solar. E a maior parte deles é invisível para nós. Em todos esses planos, o ser solar é o centro central, orientador e coordenador. Por isso, ele é chamado de ‘coração e mente’ de todo

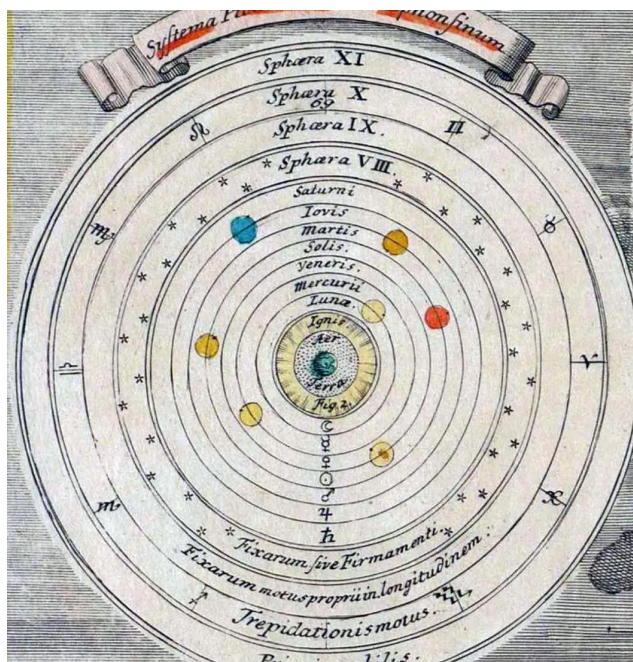
o sistema solar.⁽⁸⁾ O planeta Terra passa por todos os seus períodos de desenvolvimento dentro da estrutura e sob a supervisão divina do ser Solar.

Todos os seres planetários formam, em um sentido real, os vários ‘órgãos’ do sistema solar. E, assim como os órgãos de nosso corpo, todos os planetas de nosso sistema solar trabalham em estreita colaboração, sob a orientação central do Sol.

Em um sentido, o ser solar é nosso elo com mundos ainda mais elevados. Nesse sentido, o Sol é um verdadeiro canal de transformação. Assim, o zodíaco solar desempenha uma função essencial.

Os doze planetas sagrados

Depois do Sol, discutimos o chamado ‘grupo de planetas sagrados’. Com isso, queremos dizer o grupo de planetas que têm uma função importante na evolução da Terra viva. Cada um desses doze planetas sagrados é o transmissor, o transformador, de uma das doze forças irradiadas pelo Sol em direção à Terra e a todos os seus habitantes. Eles desempenham um papel poderoso, orientador e ‘alimentador’ da vida na Terra.



Você pode compará-los, em certo sentido, aos doze professores de uma criança, cada um dos doze apelando para outra faculdade do caráter da criança e, assim, ajudando-a a desenvolver essa faculdade específica e a construir os órgãos correspondentes. Isso dá à criança a chance de se desenvolver harmoniosamente e se tornar um ser completo.

Quantos ‘planetas sagrados’ existem? Há doze no total, sete

deles designados pelos seguintes nomes: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Os outros cinco pertencem aos ensinamentos mais esotéricos e astrológicos, sendo cinco planetas espirituais, etéreos demais para serem percebidos por nossos sentidos e instrumentos. Em termos de seu caráter, *eles correspondem de perto* a cinco dos planetas comumente conhecidos: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. O ‘Mercúrio espiritual’ e o ‘Mercúrio material’, por exemplo, têm uma característica correspondente, mas diferem no nível em que expressam essa característica: mais espiritual ou mais material.

Surpreendentemente, talvez, falamos da Lua e do Sol como dois *planetas* sagrados. Isso tem a ver com um aspecto dos ensinamentos antigos que raramente é explicado. O Sol e a Lua, *nesse contexto*, não são entendidos literalmente como Sol e Lua, mas são os nomes velados de dois planetas que não podemos ver. Esses dois planetas secretos têm, de fato, uma grande semelhança com o Sol e a Lua, respectivamente, em termos de caráter.

Você deve ter notado que não mencionamos Plutão, Netuno e Urano na linha acima. Esses três planetas (Plutão está sendo debatido entre os astrônomos para saber se pode ou não ser chamado de planeta) não estão entre os planetas sagrados. Eles são ‘planetas convidados’ em nosso sistema solar. Ou seja, eles residem conosco apenas temporariamente, antes de continuar sua jornada para seu próprio lar, para seu próprio sistema solar. No entanto, esses planetas convidados deixam uma marca característica considerável em todo o nosso sistema solar e, portanto, também na Terra. Compare a situação com a de uma família que recebe um hóspede. O hóspede está lá temporariamente, mas sua presença durante esse tempo tem uma influência específica em toda a vida da família.⁽⁹⁾

Ser planetário Terra

Em nossa enumeração hierárquica, chegamos agora ao nosso planeta Terra. Dentro de sua esfera de influência, nós, humanos, evoluímos de humanos incipientes para humanos perfeitos e, depois, para budhas e até deuses planetários.

O ser planetário Terra recebe influências do Sol e dos planetas sagrados e do zodíaco celestial e as transforma por meio de seu próprio zodíaco para todos os seres dentro de sua esfera terrestre.

Cada vez mais pessoas percebem intuitivamente que nosso planeta é uma grande comunidade orgânica de vida. Não é à toa que ele é chamado de ‘ecossistema Terra’, de acordo com a ‘teoria Gaia’.

Nós, seres humanos

Nós, seres humanos, somos partes integrantes da vida cósmica e, portanto, somos um elo no fluxo de consciência que vai da galáxia, do zodíaco celeste, do Sol, dos planetas e da Terra até nós. E passamos essas forças para nossos semelhantes e para os seres menos evoluídos da Terra. Esse é um ensinamento muito importante da Sabedoria Universal.

Nós, humanos, somos em nossa totalidade, como a totalidade dos seres pensantes, um *órgão* indispensável de nosso planeta. Isso significa que, como órgão (e como célula individual desse órgão), somos responsáveis por nossa contribuição para o funcionamento harmonioso do todo. Não é possível buscar todos os tipos de objetivos de curto prazo e centrados no eu em qualquer lugar do kosmos, nem na esfera da Terra, sem minar ou violar esse todo colaborativo. E como o coração interno do kosmos tem como objetivo restaurar a harmonia, todos os efeitos provocados por um ser são rastreados até o próprio causador, na forma de certas condições inibidoras ou estimulantes – dependendo do caráter de suas ações – para restaurar a harmonia. Portanto, nosso destino, nossas circunstâncias, são sempre *criados por nós mesmos*. Isso geralmente é chamado de princípio do karma.

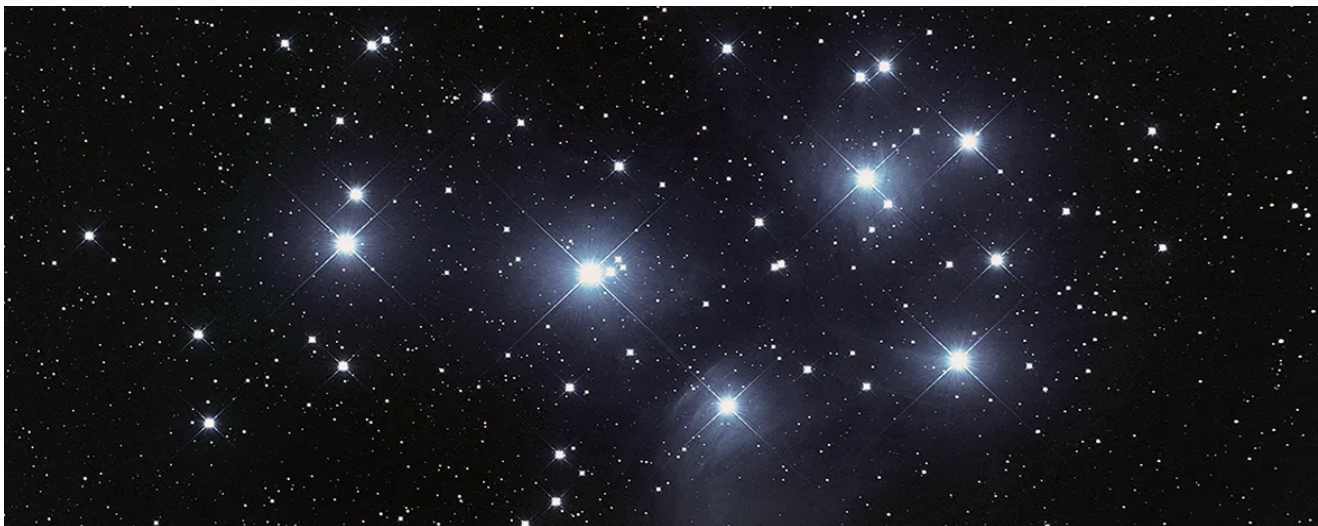
Mas não precisamos continuar andando em círculos, ensaiando constantemente nossos próprios padrões de hábitos. Podemos usar os muitos potenciais mais nobres que estão dentro de nós de forma mais consciente e poderosa todos os dias. As características altruístas e atenciosas que atualmente são subordinadas podem se tornar líderes, se quisermos.

Por que estamos evoluindo na esfera *terrena*?

Terminamos este artigo com esta pergunta essencial: por que nós, humanos, vivemos na esfera de influência da Terra e aprendemos nossas lições aqui? Por que não pertencemos à humanidade de Vênus, por exemplo? Ou à humanidade de algum planeta da estrela Sirius?

Essa é uma pergunta profunda. Claramente, nossa visão sobre ‘influências celestiais’ é determinada, em grande parte, pela compreensão dessa questão.

Expressamos: todo ser tem um passado sem início atrás de si, no qual se desenvolveu de maneira única. Basta olhar ao redor entre os seres humanos e entre os planetas ou estrelas: nenhum ser é exatamente igual ao outro. Por que somos seres humanos da Terra e não de Vênus? Porque o ser planetário Terra tem seu próprio caráter específico e, de todos os planetas possíveis, tem *a maior semelhança* com nosso



As Plêiades, também chamadas de ‘Sete Irmãs’ ou ‘Sete Estrelas’.

próprio caráter como indivíduo. Somente aqui encontramos os estímulos – os desafios – que são semelhantes em frequência ao nosso caráter. Somente na esfera terrestre nossas faculdades adormecidas são estimuladas ao máximo a ‘vibrar’, a ressoar. Somente aqui encontramos as condições ideais para aprender a expressar todos os aspectos de nosso caráter. Em Vênus, isso não seria possível.

Será que um pássaro tropical poderia nascer no polo norte? Será que um ser humano poderia nascer no fundo do mar? Nós, humanos terrestres, nascemos na Terra porque somos capazes de viver e evoluir aqui. Nossos laços com o ser planetário Terra são muito antigos. Eles vêm de um passado muito distante e fortalecemos esses laços repetidas vezes, com base em traços de caráter correspondentes.

É tudo uma questão de ressonância. Portanto, o fato de estarmos sob as influências muito poderosas de alguns planetas, do nosso Sol e das estrelas zodiacais não é aleatório. Não se trata de má sorte ou felicidade ao acaso, mas da consequência lógica de nosso caráter *auto-evolutivo*. Se alguma vez tiver a tendência de culpar os seres cósmicos pelos fracassos de sua vida – ‘Não posso evitar, porque as estrelas não eram favoráveis’ –, lembre-se de que você criou você mesmo, sim, você *desejou* suas escolas de aprender, suas circunstâncias. Nascemos aqui porque temos características correspondentes; não temos essas características porque nascemos aqui. Nisso encontramos uma importante chave ética.

Sobre a profundidade do conhecimento astrológico

Esses são os atores principais, sobre os quais falaremos mais nos próximos artigos. Isso não significa que não existam outros seres cósmicos que possam desempenhar um papel

importante para o nosso planeta. Sem dúvida, existem. Na literatura teosófica, também são dadas dicas nessa direção, por exemplo, sobre a Estrela Polar e as Plêiades.⁽¹⁰⁾ Afinal de contas: da profunda ciência original da astrologia, apenas alguns pequenos fragmentos se tornaram conhecidos.

Referências

1. Grupo de estudo, ‘Os fundamentos da Astrologia. Pistas para entender a astrologia’. Artigo em: *Lúcifer* 2025-3, p.103-9.
2. Platão, *Phaedrus*, 245c-e (paginação universal de Platão).
3. Esta é uma descrição em nossas próprias palavras de algumas partes de: G. de Purucker, *Ensinaamentos Esotéricos. Volume 4. Galaxies and Solar Systems: their Genesis, Structure and Destiny* [*Galáxias e sistemas solares: sua gênese, estrutura e destino*]. Haia, I.S.I.S. Foundation, 2015, capítulo ‘Constellations and Signs of the Zodiac’ [Constelações e signos do zodíaco], p. 65-75.
4. Consulte a ref. 3, p. 65.
5. Consulte a ref. 3, p. 40-41, incluindo a nota de rodapé 8.
6. Consulte a ref. 3, p. 42.
7. Consulte a ref. 3, p. 64, 66, 70-72.
8. Consulte a ref. 3, p. 100.
9. Consulte a ref. 3, p. 47-48, nota de rodapé 12; veja também: G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. 2ª impressão da 1ª edição de 1932. Fundação I.S.I.S, Haia, p. 451-453 (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>).
10. H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine (A Doutrina Secreta)*. Volume I. Muitas edições, p. 435, 648 incluindo nota de rodapé (paginação da edição original em inglês); Volume II. p. 549, 551 (paginação da edição original em inglês).

Perguntas e respostas

As origens das religiões e os conflitos religiosos

Como você pode explicar o surgimento de diferentes religiões?

Resposta

É impossível para os seres mais avançados transmitir toda a sua sabedoria e conhecimento à humanidade, que ainda não desenvolveu a capacidade de entender essa sabedoria. Compare isso a uma criança que mal consegue pensar; você não pode ensinar a ela fórmulas matemáticas complicadas.

No entanto, os Mestres de Sabedoria e Compaixão sempre tentaram transmitir *algo* de seu conhecimento. E, é claro, eles o fizeram de uma forma, em uma linguagem e em imagens que os humanos puderam entender no momento em que a mensagem foi levada a eles. Ao fazer isso, eles se sintonizaram com o grau de desenvolvimento da humanidade.

Os seres humanos apenas começaram a pensar, relativamente falando. Portanto, há sempre uma boa chance de que a mensagem não seja compreendida ou não seja totalmente compreendida. Além disso, ao longo dos séculos, as pessoas interpretaram essa mensagem de forma pessoal e antropomórfica. Em outras palavras, elas interpretam as imagens de pensamento a partir de sua própria consciência muito limitada. Por exemplo, elas atribuem características humanas aos deuses. As pessoas não têm mais consciência de que são uma parte inseparável do cosmos e colocam o divino fora de si mesmas, em vez de ativá-lo dentro de si. Considere também que cada ser humano, e cada país ou civilização, tem suas próprias características individuais

(*Swabhāva*) moldadas pelo karma. Uma nação enfatizará um aspecto dos ensinamentos, enquanto outra enfatizará outro aspecto. Todos nós temos a tendência de interpretar os ensinamentos que recebemos com base em nossas próprias características, às vezes omitindo ou acrescentando ideias. E à medida que passamos a acreditar cada vez mais em nossa própria concepção do espiritual, ou seja, em nossa própria visão limitada, surge uma religião que se torna separada ou distanciada da sabedoria universal original.

De fato, não se pode mais falar de ‘religião’ se com essa palavra quisermos dizer que devemos praticar uma determinada disciplina para alcançar a unidade com a Unidade de toda a vida, a nossa própria divindade inerente. Estamos, então, lidando com a *adoração* de deuses ou santos, que não consideramos como forças internas, mas como forças externas a nós mesmos que devemos servir e reverenciar.

Pergunta

Se todas as religiões se originam do trabalho dos Mestres de Sabedoria e Compaixão, por que elas diferem e por que há guerras? As guerras religiosas são geralmente as mais cruéis.

Resposta

Isso também pode ser explicado pelo pensamento antropomórfico dos seres humanos. Os Mestres sempre enfatizaram a auto-atividade em sua mensagem. Os seres humanos são essencialmente seres divinos, mas precisam ativar essa divindade dentro de si mesmos. Para nossa ‘salvação’, não precisamos de ninguém além de nós

mesmos. Entretanto, o pensamento antropomórfico levou os humanos a colocar o divino fora de si mesmos. Eles se sentiram impotentes e pequenos. Eles criaram seus próprios deuses. E quando uma casta sacerdotal se estabelece como mediadora entre os humanos e seu deus ou deuses, grupos maiores de pessoas se tornam muito suscetíveis à manipulação. Os sacerdotes podem estimular o fanatismo a tal ponto que os crentes passam a ver aqueles que aderem a uma religião diferente como inimigos ou ameaças. É a imagem distorcida e ilusória da religião – ou melhor, da adoração – que infla o ódio contra pessoas de outras religiões a tal ponto que uma prefere eliminar a outra o mais rápido possível. Essa hostilidade contra outras religiões nem precisa nascer do ódio, mas muitas vezes acontece de pessoas religiosas ficarem tão absorvidas pelo desejo de converter os outros que não param por nada para atingir seu objetivo. Elas vivem sob a ilusão de que os fins justificam os meios. A consciência religiosa, porém, é o que há de mais nobre dentro de nós. Ela dissolve os sentimentos de separação. É a consciência da unidade, da conexão inseparável. É a coisa mais sagrada que conhecemos. Quando as pessoas, conscientes ou inconscientemente, manipulam, diminuem ou restringem essa consciência sagrada apenas ao seu próprio grupo, surge o fundamentalismo religioso, e as pessoas estão preparadas para fazer literalmente qualquer coisa se acreditarem que os outros estão indo contra a vontade de seu suposto deus. A ideia ilusória de que Deus ou os deuses o apoiam faz com que você entre em guerra com convicção, acreditando que está fazendo a coisa certa. O ódio contra

aqueles que pensam de forma diferente é interpretado como uma mensagem sagrada e os próprios motivos para lutar são vivenciados como ‘fogo sagrado’. Não se trata de crueldade natural, mas de profunda ignorância e fé cega em seus próprios dogmas e, acima de tudo, nos sacerdotes, sejam eles como forem chamados. Quando o mais sagrado se degenera, isso leva ao mais profano. É por isso que sempre aconselhamos as pessoas a irem ao âmago de sua religião. Então você verá que a divindade está dentro de você e que você deve ‘trazê-la para fora’. ‘O reino dos céus está dentro de vocês’, lemos no Novo Testamento. ‘Eu sou o Self’, expressa Krishna, ‘estou no coração de cada ser’. ‘Alá, a Divindade, não foi criado e não cria’, lemos no Alcorão. Portanto, o divino está em toda parte, em cada ser humano. O budismo também sempre aponta para as virtudes internas, os poderes búdicos internos do homem. Quando a humanidade entender que é uma com o kosmos e que cada ser humano é, portanto, essencialmente igual a todos os outros, a religião nos unirá ao divino dentro de nós mesmos e nos unirá aos nossos semelhantes. Pois aqueles que amam o divino também amam seus semelhantes.

Do humano a Deus

Todos os seres vivos têm um objetivo final divino?

Resposta

Todos os seres são divinos em seu âmago e um dia levarão essa divindade ao desenvolvimento. Mas chamar isso de objetivo final... Vamos primeiro dar uma olhada em quem ou o que somos *por dentro*. Todos os seres, inclusive os humanos, não são seus corpos, mas centros de consciência, pontos focais de vida e inteligência que atuam por meio do corpo. Nossa consciência é essencial-

mente imperecível porque é parte da Vida imperecível e *ilimitada*, assim como uma gota é parte de um oceano. Aqueles que perceberem isso verão seus semelhantes (e todos os outros seres, porque o kosmos é composto de seres) e a si mesmos sob uma luz completamente diferente. Carregamos inúmeras capacidades dentro de nós que ainda não ativamos, mas que podemos de fato desenvolver se quisermos e criarmos as condições necessárias. Há possibilidades maiores escondidas em cada ser. É por isso que todos os seres são iguais, não importa quão grandes sejam as diferenças externas. Não há exceções. Isso nos eleva acima de qualquer interesse de grupo. Agora, voltando à pergunta: todos os seres vivos têm um objetivo final divino? Sim, mas não é um objetivo *final*. É um ‘objetivo intermediário’. Todos os seres têm dentro de si o desejo de desenvolver cada vez mais suas habilidades *ilimitadas*. Depois de concluir com sucesso uma escola cósmica, eles começarão a próxima: uma mais nobre e espiritual. Os animais – ou seja, a consciência animal – podem crescer em direção à humanidade, nós, humanos, podemos crescer em direção à ‘divindade inicial’ e os seres divinos podem crescer em direção a níveis de consciência ainda maiores e mais universais – com as responsabilidades cósmicas correspondentes. Mas cada ser *tem que trabalhar para isso, a cada passo concreto*: o crescimento interior nunca acontece automaticamente. Todos devem realmente aprender suas lições com as experiências que adquirem durante sua existência externa: inconscientemente, como fazem os animais, ou conscientemente, como fazem nós e os seres divinos.

Pergunta

Permaneceremos ‘humanos’ até o final do atual ciclo de vida da Terra ou podemos nos tornar deuses mais cedo?

Resposta

Toda a Natureza é uma escola interior. De fato, é o destino maior de cada um de nós, humanos – se estivermos dispostos a aprender em nossas vidas e a aproveitar nossas oportunidades evolutivas – alcançar a perfeição como seres humanos, tornarmo-nos Buddhas humanos, durante este ciclo de vida de nosso planeta Terra.

Para dar uma ideia do período de tempo de que estamos falando: levará mais de 2 bilhões de anos até que o nosso planeta Terra chegue ao fim de suas incorporações atuais, momento em que todos os seres terrestres entrarão em um longo período de descanso espiritual. É verdade que há pessoas que atingem esse nível muito elevado de compreensão espiritual mais cedo do que outras. Portanto, elas atingiram o nível necessário para começar como ‘deuses iniciantes’ (após um certo período de descanso). Nós mesmos temos o controle da rapidez com que desenvolvemos nossas habilidades adormecidas.

Entretanto, há outro pensamento que você deve considerar cuidadosamente. Se nos desenvolvermos para sermos capazes de significar cada vez mais para nossos próximos, sempre desejaremos usar a sabedoria que adquirimos para seres menos avançados do que nós. Em suma, se já tivermos alcançado a perfeição humana com essa mentalidade antes do ser humano comum, mesmo antes de a Terra como um todo entrar no período de descanso superespiritual do Nirvana, nós podemos nos recusarmos a entrar no estado de Nirvana (mesmo que tenhamos o direito kármico de fazê-lo). Podemos optar por permanecer às ‘portas do Nirvana’ para continuar ativos em prol da humanidade e desempenhar um papel mais importante e inspirador para todos os seres menos avançados durante incontáveis séculos.

Pergunta

Como nós, humanos – que nos tornamos seres humanos perfeitos neste ciclo da Terra – retornaremos quando o planeta tiver completado seu período de descanso espiritual e renascido?

Resposta

Na verdade, essa pergunta já foi respondida em nossa resposta anterior: como divindades iniciantes. Nos reinos dos deuses, há muitos graus de desenvolvimento.

Nós necessariamente começamos na base da escada divina. D.J.P. Kok, sétimo líder da Sociedade Teosófica de Point Loma, chamava isso de ‘garotinhos entre os deuses’. Ainda assim, seremos partes intrínsecas do planeta Terra, que é muito mais do que apenas a esfera material, mas também inclui as esferas espiritual, mental e astral. Dentro dessa totalidade da vida planetária, cumpriremos então uma função divina.

Progresso interior

O pensamento humano atual é mais avançado do que o dos povos antigos, como os egípcios, que eram muito avançados na construção de pirâmides?

Resposta

O pensamento médio de nossa geração não será mais nobre do que o do antigo Egito. Por quê? Porque, para quase todas as pessoas, seu desenvolvimento interior, vida após vida, é muito gradual. Quase todo mundo aprende alguma coisa em cada encarnação, torna-se um pouco mais sábio – porque só os muito teimosos se recusam a aprender –, mas reformar os próprios pontos de vista e hábitos é muitas vezes difícil e avança lentamente. Nós mesmos podemos experimentar isso quando tentamos mudar um hábito ‘arraigado’ nosso. Acrescente a isso o fato de que o período

entre duas encarnações humanas pode facilmente durar milhares de anos, e fica claro que devemos ver o progresso da evolução humana em termos de dezenas de milhares ou até centenas de milhares de anos.

Há também outro fator em jogo aqui, que dificulta a comparação entre ‘então’ e ‘agora’. A evolução humana nunca progride de forma linear, como uma estrada que sobe suavemente, mas sempre ao longo de picos e vales. Ela sempre ocorre em ciclos. Isso também se aplica a uma vida una. Você tenta corrigir uma falha de caráter. Você consegue criar um novo hábito em alguns meses, mas, de repente, volta aos hábitos antigos. Os pensamentos antigos voltam para você. Parece que você tem que começar tudo de novo, mas quando você faz uma nova tentativa, geralmente ela é um pouco melhor do que a primeira vez. Em resumo, geralmente é um processo de tentativa e erro.

O progresso das culturas também é sempre cíclico. Toda cultura passa por um ou mais períodos de florescimento espiritual e mental, sempre seguidos por um período de relativa esterilidade. Como disse Platão, períodos de ‘esterilidade espiritual’ se alternam com períodos de ‘fertilidade espiritual’. Quando a pirâmide maior de Gizé foi construída no antigo Egito – um templo de iniciação e *não* uma tumba – a cultura egípcia pode ter estado em uma fase espiritualmente fértil.

Quando uma cultura não compreende mais seus valores internos, isso não significa necessariamente que os indivíduos estejam regredindo espiritualmente. As pessoas que compõem uma sociedade durante um período de prosperidade são, em grande parte, um grupo diferente daqueles que vivem em um período mais incivilizado.

Por que esses dois grupos são diferentes? Porque toda consciência humana é

sempre atraída para as circunstâncias que correspondem ao seu próprio caráter, pois somente ali ela pode se expressar. O período em que seres humanos reencarnam não é uma coincidência, mas uma questão de causa e efeito. É uma questão de atração entre mentes semelhantes. E para ambos os grupos, os membros podem dar um passo adiante em cada encarnação por meio das lições que aprendem.

Quando as pessoas do apogeu reencarnam, a maioria delas será atraída para o apogeu de uma civilização futura em um grau maior, e então nascerão. Sempre reencarnamos em grupos, pois se tivermos características semelhantes, seremos atraídos mais ou menos pelas mesmas circunstâncias.

Os seres humanos mais universais e compassivos tentam se desapegar de seu apego a determinadas circunstâncias, sejam elas favoráveis ou não. Eles se concentram, tanto quanto possível, no presente e no que podem fazer por seus semelhantes. Como resultado, eles reencarnam mais cedo e aprendem mais rápido em todas as circunstâncias.

Em suma, o progresso da humanidade se expressa da seguinte forma: os vales se tornam gradualmente menos profundos e os picos se tornam ligeiramente mais altos. E esse processo de desenvolvimento espiritual nunca acontece por si só: tudo depende de realmente colocarmos em prática em nossas vidas nossas aspirações mais profundas de compreensão e harmonia. Pois essa é a verdadeira força motriz por trás de todos os passos em direção a uma sociedade mais nobre.



Relatório do Simpósio

No dia 7 de setembro passado, a Sociedade Teosófica organizou pela primeira vez um simpósio em Lisboa, Portugal. Foi um encontro animado. O título do simpósio era Sabedoria Universal. Este é também o título do nosso curso, que há algum tempo também é ministrado em português. Em três palestras, foram explicados em linhas gerais os três Preposições Universais de *A Doutrina Secreta* e as sete Joias da Sabedoria. Com base em algumas perguntas e afirmações, as ideias apresentadas foram discutidas em duas oficinas.

Na mesa de livros estavam dois livros de Gottfried de Purucker traduzidos para o português: *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, o recém-traduzido e magnífico livro *Preceitos de Ouro do Esoterismo*, e *Joias de Sabedoria Universal*, de Barend Voorham; bem como um grande número de exemplares de *Lúcifer*, o *Portador da Luz*. Os livros e revistas foram bem recebidos.

No final, ficou claro que os participantes apreciaram muito este encontro e aguardam ansiosamente o próximo. As palestras podem ser vistas em nosso canal no YouTube.

<https://youtu.be/IEqH69MzZIE>
<https://youtu.be/ypcC4xsxXew>
<https://youtu.be/r07m3ZKp-TM>

Agenda

Prévia da temporada de palestras em inglês 2025-2026

A partir de 19 de outubro, nossas palestras semanais aos domingos à noite começarão novamente, das 19h30 às 21h00, aproximadamente, CE(S)T. O tema para toda a temporada 2025-26 é Theosophia: a Sabedoria Universal que está na raiz de todos os principais impulsos espirituais, dada por mensageiros como Lao Tsu, Pitágoras, Zoroastro, Jesus e Buddha. Buscamos o significado mais profundo dos muitos ensinamentos que eles revelaram, usando nossa compreensão mais profunda, consciência moral e intelecto. A lista abaixo lhe dá uma visão geral de toda a temporada. Para as séries de outubro a janeiro, fornecemos os títulos das séries e das palestras; para as outras séries, apenas os títulos das séries. Consulte nosso site para ver o programa completo.

Todas as reuniões começam com uma palestra. Essa parte pode ser assistida no YouTube ou no Zoom. Na segunda parte do encontro, trocamos ideias sobre o tema para ampliar nossa compreensão da Teosofia. Essa parte só pode ser acompanhada via Zoom. Aconselhamos que você se inscreva para a sessão do Zoom a tempo por meio do nosso site: www.blavatskyhouse.org. Assim, poderemos lhe enviar o link com antecedência.

Mais informações: <https://blavatskyhouse.org/lectures/>

Theosophia: the Mother of all Religions

02 Nov The Universal Theosophical Movement

09 Nov The true meaning of Religion

16 Nov Messengers of Wisdom

23 Nov The Inner Path

The essence of Universal Brotherhood

30 Nov Universal Brotherhood in its utmost depth

07 Dec Universal Brotherhood: recognizable in all religions and philosophies?

14 Dec Theosophical education

21 Dec The influence of 150 years of Theosophy

Compassion: the essence of initiation

04 Jan Compassion: the essence of initiation

11 Jan The spiritual Heart of Sun and Man

18 Jan The mystic relation between disciple and Teacher

25 Jan Initiations: not an end but a means

Feb Continuity of consciousness: death and after

Mar Universal Wisdom in the Egyptian-African Tradition

Apr Universal Wisdom in the Eastern tradition

May Universal Wisdom in the Greek tradition

Jun Universal Wisdom in original Christianity

Lúcifer®

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.º número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrônica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

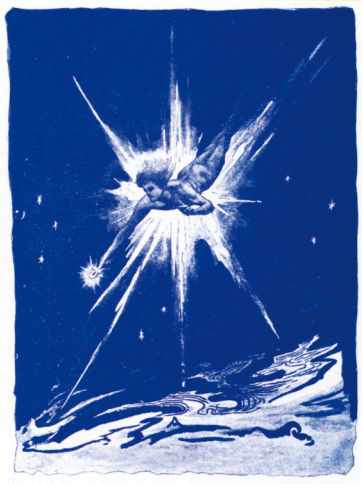
O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton .
.. Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).